

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO**

LARISSA CRISTINA GONÇALVES MARTINS

**FESTIVAL DE CUSCUZ DE SUMIDOURO
Valorização da cultura local do distrito**

Produto Jornalístico

**MARIANA
2021**

LARISSA CRISTINA GONÇALVES MARTINS

FESTIVAL DE CUSCUZ DE SUMIDOURO
Valorização da cultura local do distrito

Memorial descritivo de produto jornalístico apresentado ao curso Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Orientador: Prof. André Luís Carvalho

MARIANA
2021

SISBIN - SISTEMA DE BIBLIOTECAS E INFORMAÇÃO

M386f Martins, Larissa Cristina Gonçalves.
Festival de Cuscuz de Sumidouro [manuscrito]: valorização da cultura local do distrito. / Larissa Cristina Gonçalves Martins. - 2021.
66 f.: il.: color., mapa.

Orientador: Prof. Me. André Luís Carvalho.
Monografia (Bacharelado). Universidade Federal de Ouro Preto.
Instituto de Ciências Sociais Aplicadas. Graduação em Jornalismo .

1. Cultura brasileira. 2. Fotolivros. 3. Gastronomia - Mariana (MG). I. Carvalho, André Luís. II. Universidade Federal de Ouro Preto. III. Título.

CDU 77.044

Bibliotecário(a) Responsável: Essevalter De Sousa-Bibliotecário Coordenador
CBICSA/SISBIN/UFOP-CRB6a1407

29/11/2021 22:14

SEI/UFOP - 0251444 - Folha de aprovação do TCC



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
REITORIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E APLICADAS
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO

**FOLHA DE APROVAÇÃO****Larissa Cristina Gonçalves Martins****Festival de Cuscuz de Sumidouro: valorização da cultura local do distrito**

Monografia apresentada ao Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em jornalismo

Aprovada em 06 de agosto de 2021

Membros da banca

Me. André Luís Carvalho - Orientador (Universidade Federal de Ouro Preto)
Dra. Michele da Silva Tavares - (Universidade Federal de Ouro Preto)
Dra. Lara Linhalis Guimarães - (Universidade Federal de Ouro Preto)

André Luís Carvalho, orientador do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito na Biblioteca Digital de Trabalhos de Conclusão de Curso da UFOP em 29/11/2021



Documento assinado eletronicamente por **Andre Luis Carvalho, PROFESSOR DE MAGISTERIO SUPERIOR**, em 29/11/2021, às 22:13, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0251444** e o código CRC **0AD6EC03**.

Referência: Caso responda este documento, indicar expressamente o Processo nº 23109.012463/2021-44

SEI nº 0251444

R. Diogo de Vasconcelos, 122, - Bairro Pilar Ouro Preto/MG, CEP 35400-000 Telefone: - www.ufop.br

https://sei.ufop.br/sei/controlador.php?acao=documento_imprimir_web&acao_origem=arvore_visualizar&id_documento=279790&infra_sistema=1... 1/1

AGRADECIMENTOS

Antes de tudo agradeço a Deus, pela força e proteção durante a caminhada. À minha mãe Margarete, pelo amor irrestrito, que mesmo distante sempre se fez presente, entendeu meus choros, minhas ansiedades e, principalmente, minhas conquistas. Em especial, dedico esse trabalho à minha avó Maria, pelo suporte, educação, exemplo e por sempre me incentivar a seguir a carreira de jornalista. Obrigada meus tios e meus primos, que foram peça fundamental nesta etapa, acompanharam de perto a minha luta e jamais me deixaram desistir. Amo vocês!

Aos queridos amigos que permaneceram ao meu lado e entenderam minha ausência e torceram por mim. Agradeço ao Elvis Rodrigues, parceiro nas fotos do festival, seu apoio no dia da festa e sua colaboração foram fundamentais para as fotos que também compõem o fotolivro. Não tenho palavras pra te agradecer, apenas o meu mais sincero: Muito obrigada!

Aos amigos que seguraram minha mão ao longo da caminhada, Eliene, Glau, Ana Laura, Jana Muller, Janaína Almeida, Danubia, Kátia Mendes, Emily, Jardel, Gabriel, Magah, Bel, Bih, Junior, Eunária, a turma da Frangolândia, da Família Martins, Família Gonçalves. Muito obrigada pelo apoio que me deram pra seguir em frente. Obrigada 16.2, por esses anos de experiência e aprendizado.

À UFOP e a todos os seus mestres e funcionários, obrigada por todo aprendizado e dedicação ao proporcionarem uma educação pública, gratuita e de qualidade, mesmo com várias forças contrárias tentando impedir que isso aconteça. Ao meu orientador André Carvalho, agradeço pela ajuda, paciência e cuidado durante a caminhada do TCC. As queridas professoras: Lara e Michele, obrigada pelo cuidado, carinho e aprendizado.

E por fim, ao meu amado distrito de Sumidouro, onde nasci e vivi as melhores histórias que alguém poderia ter pra contar, como conto neste memorial. Obrigada Festival de Cuscuz, por permitir que eu faça parte dessa cultura tão rica de amor e tradição. Dedico este trabalho a cada morador que contribuiu com cada gesto de atenção enriquecendo o meu memorial, obrigada por fazerem parte dessa história tão bela.

Fica aqui toda a gratidão e felicidade de uma mulher formada!

(RE)xistir é preciso!

“Cada lugar é, à sua maneira, o mundo”.
Milton Santos.

RESUMO

O presente trabalho tem como principal objetivo mostrar, por meio de um fotolivro, o Festival de Cuscuz de Sumidouro, com imagens e histórias do cuscuz e a representatividade dele na vida dos moradores. Por meio da fotografia, o fotolivro mostra a interação dos sumidourenses no fazer e na organização da festa. O Sumidouro é um distrito acolhedor, de pessoas simples, que mantém ainda vivas tradições festivas e religiosas. A busca por histórias relativas ao cuscuz, contadas pelos próprios moradores, permitiu mostrar o sentimento deles em relação às suas vivências com o prato típico.

Palavras-chave: Festival de Cuscuz de Sumidouro/Mariana/MG; Cultura; Fotolivro

ABSTRACT

The main objective of this work is to show, through a photobook, the Sumidouro Couscous Festival, with images and stories of couscous and its representation in the lives of residents. Through photography, the photobook shows the interaction of people from Sumidour in the making and organization of the party. Sumidouro is a welcoming district of simple people, which still keeps festive and religious traditions alive. The search for stories related to couscous, told by the residents themselves, allowed showing their feelings in relation to their experiences with the typical dish.

Keywords: Sumidouro Couscous Festival / Mariana / MG; Culture; Photobook

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Cuscuz, Foto: Larissa Gonçalves	20
Figura 2 - Mapa do Sumidouro de Minas, 1732 Fonte: www.sudoestesp.com.br	23
Figura 3 - Igreja de Nossa Senhora do Rosário de Padre Viegas - Fonte: Afonso Jales	24
Figura 4 - Ruínas do Muro do Colégio Osório - Foto: Larissa Gonçalves	24
Figura 5 - Colégio Osório - Fonte: Acervo de Padre Viegas	25
Figura 6 - Capa da edição nº5 do jornal Compilador Mineiro - 1823 - Fonte: Acervo de Padre Viegas	26
Figura 7- Capa da edição nº 1 do jornal Abelha do Itaculomy - Ouro Preto -12 de janeiro de 1824 - Fonte: Acervo de Padre Viegas	26
Figura 8 - Capa da edição nº1 do jornal O Universal - Ouro Preto -12 de janeiro de 1824 - Fonte: Acervo de Padre Viegas	26
Figura 9 - Aquarela sobre o papel Prospecto da casa e chácara episcopal, 1809, José Joaquim Viegas de Menezes - http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa23698/jose-joaquim-viegas-de-menezes	28
Figura 10 Moinho d'água do distrito de Cachoeira do Brumado - Foto: Eliene Santos	34
Figura 11 - Primeira camisa do Festival de Cuscuz em 2008 - Arquivo: Larissa Gonçalves	36
Figura 12 Cartaz do 1º Festival de Cuscuz de Sumidouro em 2004 - Fonte: Acervo do festival	39
Figura 13 - Foto do 2º Festival de Cuscuz de Sumidouro em 2005. Fonte: Acervo do festival	40
Figura 14 - Tiná e Dona Maria - Guarapari, outubro de 2016 - Foto: Larissa Gonçalves	41
Figura 15 - 6º Festival de Cuscuz de Sumidouro 2019- Foto: VegasFilm	42
Figura 16 - Apresentação musical com Larissa Gonçalves e convidados - Fonte: Antônio Ferreira	42
Figura 17 - Selo Comemorativo de 10 Anos do Evento. Fonte: Acervo do Evento.	43
Figura 18 Cartaz de divulgação do Festival de Cuscuz de 2019- Fonte: Festival de Cuscuz de Sumidouro	44
Figura 19 Praça do Rosário - Crédito: VegasFilms	45
Figura 20 Festival do Cuscuz de 2018 - Praça do Rosário - Fonte: VegasFilms	45

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	18
2. FOTOGRAFIA.....	20
3. SUMOD'OURO.....	23
3.1 O Padre José Joaquim Viegas de Menezes	25
4. O FESTIVAL DE CUSCUZ DE SUMIDOURO - CULTURA, ARTE, MEMÓRIAS E HISTÓRIAS	30
4.1 A cultura como maior patrimônio de Sumidouro	37
4.2 A força e resistência do nosso distrito.....	44
5. POR DENTRO DO PROCESSO	51
5.2 O Fotolivro.....	57
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	61
7. REFERÊNCIAS	63
ANEXOS	65

1. INTRODUÇÃO

A proposta de fazer um fotolivro sobre o Festival do Cuscuz de Sumidouro, que ocorre no distrito de Padre Viegas, pertencente ao município de Mariana conhecido também como Sumidouro, surgiu desde o início da minha graduação. Já entrei na universidade pensando que seria o meu tema de TCC. Eu cresci e vivo até hoje no distrito e o cuscuz sempre fez parte da minha história e de outros habitantes de lá. Sempre morei com minha avó, nem sempre tínhamos o que comer no café da manhã e da tarde, e o cuscuz era a refeição do dia.

Devido ao fato da minha avó ser umas das idealizadoras da festa, e eu sempre estar por perto ajudando nos afazeres para sua realização, decidi que esse seria o tema do meu trabalho final. Além de amar meu distrito e descobrir nele várias riquezas, desde a música até a comida feita no dia a dia de cada dona de casa.

O festival acontece uma vez ao ano, dia 12 de outubro. Mas foi em 2004, em uma roda de conversa, que o Padre José Julião da Silva, Dona Maria,¹ Clemilda Gonzaga e Magaly Gonçalves resolveram criar o I Festival do Cuscuz de Sumidouro, que em 2019 completou a sua XVI edição, a última até a pandemia da COVID-19, que interrompeu as novas edições até este momento.

Minha avó, Dona Maria, que ainda faz parte do festival com seus 82 anos de idade, foi uma das idealizadoras desse evento que respira cultura e arte. Ela conta que desde criança o cuscuz já fazia parte de sua vida. Sua mãe já falecida, Hilda de Paula Santos, fazia para ela e seus outros nove irmãos o cuscuz todos os dias. Isso porque, na época, essa já era a comida que “sustentava” as famílias da comunidade com custo acessível, utilizando quase que somente fubá.

Ele era feito com um pouco de sal apenas e servido nas principais refeições do dia. Tempos depois que os moradores começaram a incrementar outros ingredientes ao cuscuz. Surge, deste modo, novas formas de preparo e até um festival destinado a promover a tradição da comunidade através desse alimento.

Minha avó, Dona Maria, levou essa tradição para seus filhos após se casar, e ela sempre disse:

O cuscuz era nossa comida predileta, não era com os ingredientes que hoje o compõe, a gente comia e ficava satisfeitos com aquele cuscuz seco, que às vezes era acompanhado por café e açúcar de rapadura, outro elemento que fez parte da minha

¹ Maria de Castro Gonçalves, conhecida no distrito de Sumidouro como Dona Maria.

infância, que hoje é um dos componentes do tradicional cuscuz doce (CASTRO, Maria. Entrevista concedida à Larissa Gonçalves Martins, 2020)

Apresento as fotografias como principal registro dessas vivências, vivências essas que me fizeram entender e conhecer melhor a história e relação de cada morador com a tradição fiel do cuscuz. É nesse ponto que me coloco, no papel de mediar esse "contar de histórias" e trazer essas lembranças também por meio das minhas fotografias. Com o intuito de buscar refletir sobre o sentimento de pertencimento do distrito e com o cuscuz, este memorial tem um valor muito significativo para mim, pelo contato com o contexto familiar e por se tratar do cenário da minha vida, afetos pessoais foram despertados durante o processo de produção. No decorrer dele me deparei com pessoas e situações que fizeram e fazem parte do que sou.

Como o produto é um fotolivro, o primeiro capítulo do memorial é sobre a fotografia, tratando desde a escolha dela para a conclusão do trabalho como de sua importância do registro de memórias. Já nos capítulos seguintes destaco o surgimento do distrito, suas origens e características, desde seu primeiro nome (Sumidouro) até o atual (Padre Viegas). Nestes dois capítulos, narro também as histórias de relação dos dois nomes que o distrito possui com a religiosidade, a economia local e fatos históricos.

O quarto capítulo é exclusivamente sobre o festival, desde a sua criação, de que pude fazer e faço parte, até a dimensão que ele tomou para o município de Mariana e outros locais. Trago também as histórias contadas pelas fundadoras do evento e demais pessoas da comunidade que contribuem para a realização da festa, destacando a relevância que o festival tem para todos nós. Nos capítulos finais são apresentados o percurso para a produção do trabalho, os desafios e a impossibilidade de ampliar o fotolivro com a pandemia que vivemos desde 2020. Ao final do memorial, trago duas receitas de cuscuz: o tradicional e o cuscuz doce, que são também uns dos principais personagens desse memorial descritivo.

Por conta disso, Sumidouro é, portanto, personagem principal não apenas do meu trabalho, mas também da minha história. Além de ter ido em busca de sumidourenses sempre prontos a me contar sobre as histórias vividas no distrito e de seus acontecimentos, o andar e as prosas dos moradores, o pra lá e o pra cá dos carros e das bicicletas, os sons da natureza e etc. Pude me tornar, ainda mais, personagem fiel das minhas raízes e de tudo que adquiri até aqui.

2. FOTOGRAFIA

Desde os primeiros anos no ensino fundamental eu sempre me interessei pela fotografia, me encantava com fotos de paisagem, lugares e principalmente por fotografias de gastronomia. A sensação de ver uma foto de um “tacho” cheio de cuscuz desperta uma vontade de comer aquela comida que transmite: memórias, força e resistência de um povo. A fotografia parece ser mais apetitosa, não saborosa, que a comida real e te faz comer com os olhos. É esse despertar que quero que o leitor sinta ao abrir o fotolivro. Quando tive a ideia de fazer o TCC sobre o festival, não pensei em outra coisa a não ser algo relacionado ao cuscuz para elaboração do meu produto.



Figura 1 - Cuscuz, Foto: Larissa Gonçalves

Dentro do universo acadêmico pude ter certeza de que a fotografia faria parte de um sonho a ser realizado, pois me permitiria fazer com que as imagens que produziria para o meu TCC pudessem se tornar memórias, podendo ser repassadas por gerações, narrando e ilustrando a vida das pessoas, de suas famílias, suas tradições, sua cultura.

No caso em questão, são poucos os registros fotográficos dos primeiros festivais de cuscuz de Sumidouro, não eram todos os moradores que possuíam câmera fotográfica na época, por isso não há muitas fotos dos primeiros festivais. Maya aponta sobre o papel da fotografia que:

A história da fotografia está ligada à obstinação do homem em eternizar os momentos da vida, na busca por congelar o tempo por meio do desenho, da pintura, da literatura, da escultura e dos monumentos. De todas as manifestações artísticas, ela foi a primeira a surgir dentro do sistema industrial, já que a sua função só foi imaginável face à possibilidade da reprodução. (MAYA, 2008, p.107)

Também por isso que deixar registrado, em fotos e textos, este fotolivro da festa de 2019 tem um significado importante não só para mim, mas para toda a comunidade de que faço parte. E que terá, pela primeira vez, registrado de maneira mais extensa e organizada a forma como se faz o cuscuz em uma festa que fortalece a tradição local de Sumidouro. E, portanto, através das fotografias: “conta uma história, tem uma unidade entre as imagens e não é redundante, pois cada foto traz uma nova pose ou revela uma nova nuance” (FIUZA; PARENTE, 2008, p.171).

Para Beatriz Fiuza e Cristiana Parente é através do ensaio que “o fotógrafo pode expressar com mais intensidade sua visão sobre determinado tema, e é importante que se sinta a singularidade que a presença do ponto de vista do autor permite ao trabalho” (FIUZA; PARENTE, 2008, p.171). Ao fazer os registros nos dias 11 e 12 de outubro de 2019, me permiti sentir e absorver as coisas que o meu distrito poderia oferecer naquele dia de festa: os cumprimentos aos moradores ao chegar na cozinha coletiva para os afazeres, as conversas rápidas com as cozinheiras a respeito da vida corrida, e percebi o amor delas pelo cuscuz. Foi muito mais do que capturar as imagens, vi ali, tudo que representava aquele fubá suado, que dá vida ao cuscuz e que faz parte do nosso cotidiano.

De todos os meios de expressão, a fotografia é o único que fixa para sempre o instante preciso e transitório. Nós, fotógrafos, lidamos com coisas que estão continuamente desaparecendo e, uma vez desaparecidas, não há nenhum esforço sobre a terra que possa fazê-las voltar. Não podemos revelar ou copiar uma memória. O escritor dispõe de tempo para refletir. Pode aceitar e rejeitar, tornar a aceitar; (...) Existe também um período em que seu cérebro se esquece e o subconsciente trabalha na classificação de seus pensamentos. Mas, para os fotógrafos, o que passou, passou para sempre. É deste fato que nascem as ansiedades e a força de nossa profissão. (CARTIER-BRESSON, 1971, p. 21).

E naquele dia em 2019, eu, como fotógrafa produzi cada imagem que cativasse não somente a mim, mas todos que terão oportunidade de apreciar o fotolivro, tornando assim, o meu trabalho não apenas uma forma de contar e preservar essa história, mas documentando o cuscuz como uma expressão sociocultural através da demonstração da cultura de um povo.

O propósito é que, nas fotos, esteja representado os trabalhos dos moradores com o ofício que desempenham com o cuscuz desde muitos anos, e que hoje é levado até outras pessoas no dia do festival. “Desse modo, a fotografia conduz o observador, no presente, a uma viagem por um tempo passado: como representação revelada, em um tempo e em um lugar qualquer, que eterniza uma presença”. (MAYA, 2008, p.107).

Já há algum tempo estamos vivendo a era das imagens. Por onde passamos as imagens sempre nos acompanham, nosso trabalho diário está vinculado ao computador, e através dele adentramos num universo onde o meio comunicacional se dá em grande parte por meio de imagens.

A fotografia abriu a possibilidade de um mundo imaginário a partir de um mundo real fixado como prova de existência, passando a alterar as concepções de tempo e espaço e a inserção do próprio ser humano, que vivencia o mundo pela visibilidade que a apreensão da fotografia permite na sociedade moderna. (MAYA, 2008, p.107)

O retrato possui inúmeros significados, tais como informativos, emocionais e pessoais. A imagem pode representar parte da história, da cultura de um povo, e tem o poder, no caso da fotografia, de destacar um determinado momento, a delicadeza de uma dada realidade, que se torna passado quando fotografada e também presente quando é vista. Por meio dela é possível conhecer a diversidade do mundo.

A fotografia ajuda a aprofundar a análise antropológica, quando bem feita esteticamente, podendo assim facilitar a interpretação e análise de alguns significados do objeto estudado. (ANDRADE, 2002, p. 56).

As imagens captadas são o principal produto do fotolivro que elaborei, e há muitas histórias narradas por trás delas, histórias que são contadas com orgulho pelo povo sumidourense. A fotografia aqui é elaborada também como um documento que materializa e eterniza memórias, vivências sobre a identidade coletiva, com uma marcação simbólica capaz de fortalecer, preservar e incitar lembranças sobre os tantos modos de ser, de viver e de compreender o mundo:

Fotografia é memória e com ela se confunde. Fonte inesgotável de informação e emoção. Memória visual do mundo físico e natural, da vida individual e social. Registro que cristaliza, enquanto dura, a imagem – escolhida e refletida – de uma ínfima porção de espaço do mundo exterior. É também a paralisação súbita do incontestável avanço dos ponteiros do relógio: é pois o documento que retém a imagem fugidia de um instante da vida que flui ininterruptamente (KOSSOY, 2001, p. 156)

Aqui neste trabalho, os sujeitos são os sumidourenses. Esses personagens são colocados como narradores de suas próprias vivências, gerando e agregando conhecimento ao fotógrafo e também à toda comunidade que os rodeia. A ideia é que as fotografias produzidas neste produto alcancem visibilidade e concedam valor a esses costumes e tradições do meu povo.

3. SUMOD'OURO

A comunidade de Padre Viegas, conhecida como “Sumidouro”, fica a aproximadamente 9 quilômetros do centro de Mariana. Sumidouro derivou-se de uma expressão utilizada pelos primeiros colonos para referirem-se à alta qualidade do metal precioso dali extraído – segundo eles, neste local obtinha-se o “sumo” (o extrato, a melhor parte) do ouro existente na Vila de Ribeirão do Carmo (nomeada hoje como Mariana).

O início do povoamento do Sumidouro ocorreu no início do século XVIII, mais especificamente em torno do ano de 1705, com a criação da Fazenda do Paneleiro, às margens do Córrego do Crasto, de propriedade do bandeirante Antônio Lopes Chaves e sua esposa, Maria Helena de Jesus. Este casal, já enriquecido com a extração aurífera, edificou uma pequena capela, dedicada à santa Ifigênia, mas a construção não resistiu à passagem do tempo. (JALES, 2011, p.1)

Segundo Jales (2011), em novo ato de devoção, o mesmo casal, em 1737, lançou os alicerces da Ermida de Nossa Senhora do Rosário, padroeira do arraial de Sumidouro. Esta Capela foi elevada à condição de igreja matriz do Sumidouro pelo bispo do Rio de Janeiro, entre 1742-1745, pouco antes da criação do Bispado de Mariana², ocorrida em 1745.



Figura 2 - Mapa do Sumidouro de Minas, 1732 Fonte: www.sudoestesp.com.br

² Território sujeito à autoridade de um bispo; diocese.



Figura 3 - Igreja de Nossa Senhora do Rosário de Padre Viegas - Fonte: Afonso Jales

Além da Igreja de Nossa Senhora do Rosário, construída em Sumidouro, o Colégio Osório, instituição fundada por Manoel da Cunha Osório no distrito, local onde estudou José Joaquim Viegas de Menezes, o Padre Viegas, que hoje dá o nome atual ao distrito. O colégio foi um dos primeiros seminários de Minas Gerais, o prédio era localizado atrás da igreja. Hoje existem apenas algumas ruínas do muro do Colégio Osório.



Figura 4 - Ruínas do Muro do Colégio Osório - Foto: Larissa Gonçalves



Figura 5 - Colégio Osório - Fonte: Acervo de Padre Viegas

3.1 O Padre José Joaquim Viegas de Menezes

José Joaquim Viegas de Menezes nasceu em Vila Rica, hoje cidade de Ouro Preto. Em 1778 foi abandonado pelos pais sendo criado como filho por Ana Teixeira Menezes. Aos 11 anos foi estudar no Colégio Osório, em Sumidouro. “O talento que tinha para a pintura e desenho, objetos estes que não entravam no plano do colégio, onde o ensino se limitava ao da língua e poética” (DUARTE, 1906, p.260).

Em 1802, após retornar de Portugal, onde ordenou-se sacerdote e aprendeu o ofício da impressão, Padre Viegas, em parceria com Manoel José Barbosa, que morava em Vila Rica e trabalhava como chapeleiro e sirgueiro³, juntos fundaram a primeira tipografia mineira. (BUARQUE, 2011, p.3).

Os dois tornaram-se amigos e resolveram construir uma tipografia, que ficou pronta em 1821. Depois de pronta, Viegas deixou-a com Manoel José Barbosa. No entanto, a tipografia só receberia autorização para funcionamento em 20 de abril de 1822. Lá seriam impressos os primeiros jornais mineiros, como o *Compilador Mineiro* (1823), *Abelha do Itaculumy* (1824), o *Universal* (1825), o *Companheiro do Conselho* (1825) e o *Diário do Conselho* (1825). O diretor do primeiro jornal da província também foi o padre Viegas, que esteve à frente do *Compilador Mineiro*. (MENDES, 2007, p.56)

O Padre Viegas foi considerado o precursor da imprensa mineira, e fundou três jornais na cidade de Ouro Preto, o *Compilador Mineiro* (1823), *Abelha do Itaculumy* (1824) e o *Universal* (1825) (SANTOS, 1947, p.3).

Esse opúsculo - *primeiro impresso que se teve em Minas Gerais* - compõe-se de quatorze páginas: duas, no princípio, contendo um carta dedicatória o supra dito

³ O que trabalha em obras de fio e cordões de seda ou lã

governador; dez, em seguida compreendendo vinte oitavas de rimadas do canto apologetico; uma de notas explicativas, e uma, no fim, com *Mapa do donativo voluntário que o Augusto Príncipe R.N.S oferecerão os povos da capitania de Minas Geraes, no anno de 1806* (VEIGA, 1898, p.178)



Figura 6 - Capa da edição nº5 do jornal Compilador Mineiro - 1823 - Fonte: Acervo de Padre Viegas



Figura 7- Capa da edição nº 1 do jornal Abelha do Itaculamy - Ouro Preto -12 de janeiro de 1824 - Fonte: Acervo de Padre Viegas



Figura 8 - Capa da edição nº1 do jornal O Universal - Ouro Preto -12 de janeiro de 1824 - Fonte: Acervo de Padre Viegas

Figura 8- Capa da edição nº1 do jornal O Universal - Ouro Preto -12 de janeiro de 1824 - Fonte: Acervo de Padre Viegas

Segundo João Pedro Xavier da Veiga, na monografia *A Imprensa em Minas Gerais*, publicada na Revista do Arquivo Público Mineiro, em 1898, em Minas foi construída a primeira tipografia do Brasil. Novamente, aparecia o brilhantismo do Padre Viegas, o principal responsável pelo feito.

Primeiras provas de imprensa calcographicas pelo Padre José Joaquim Viegas de Menezes, natural de Ouro Preto, em o anno de 1807. O mesmo padre abrio todas estas chapas, e ainda mais outra com o retrato do governador e de sua esposa, para acompanhar ESTE IMPRESSO, QUE FOI O PRIMEIRO PUBLICADO EM MINAS GERAIS. - J. M. de Augusto de M. (VEIGA, 1898, p.178 -179)

O autor dessa impressão foi o Padre Viegas, que imprimiu um poema ao então governador da capitania. Foi utilizado o sistema da calcografia⁴ para tanto. O padre também foi pioneiro em várias outras coisas relacionadas à história da imprensa mineira, como a construção do primeiro prelo.⁵

O governador quis, de todas as formas, ver o texto impresso, e sabia que em Vila Rica havia uma pessoa que tinha conhecimentos gráficos: o padre Viegas. Assim surgiu a primeira impressão mineira reconhecida pelos historiadores (MENDES, 2007, p.51)

O nome de Padre Viegas foi dado a Sumidouro em 1948 como ato de homenagem do Governo de Minas ao grande artista e aluno do Colégio Osório (SANTOS, 1974, p.3). Não há registros de fotografia de como era o Padre Viegas.

Hoje, temos o nome Padre Viegas, como nome oficial do nosso distrito. Mas por costume familiar, e também de muitos que moram lá, refiro-me ao distrito como Sumidouro, pois é o nome que eu sempre ouvi da minha família, mesmo após a existência do nome atual, Padre Viegas.

Por outro lado, é também uma grande honra para mim, como moradora de lá e futura jornalista, ter nascido e estudado na escola do meu distrito, que também leva o nome do Padre Viegas. Um padre que teve uma importante participação na imprensa mineira. É um orgulho sem fim ser parte e poder contar essa história aqui. E depois de muitos anos que fui conhecer a fundo sobre o “Padre Viegas”, algumas coisas fui descobrir escrevendo esse TCC e lendo artigos sobre o mesmo. A cada leitura, o sentimento de mostrar para as pessoas que faço parte dessa história despertou uma enorme vontade em fazer um mestrado e aprofundar os estudos sobre este personagem. O Padre Viegas morreu às 10 horas da noite do dia 1º de julho e seu corpo está enterrado na Igreja de São Francisco de Assis, em Ouro Preto.

⁴ Arte de gravar em cobre ou outro metal.

⁵ Aparelho manual ou mecânico que serve para imprimir.



Figura 9 - Aquarela sobre o papel Prospecto da casa e chácara episcopal, 1809, José Joaquim Viegas de Menezes - <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa23698/jose-joaquim-viegas-de-menezes>

Ainda é possível encontrar tranquilidade e segurança neste pequeno distrito, o povo é sempre muito hospitaleiro, e recebe todos os seus visitantes de braços abertos para uma boa prosa, um “cafezim” e uma broa, e quem sabe até sai um cuscuz.

Em Sumidouro, todo mês de junho, ocorre também a festa do Sagrado Coração de Jesus, patrono da Corporação Musical Sagrado Coração de Jesus, que leva o mesmo nome que do santo. Neste dia, a comunidade também se empenha da mesma forma que no festival para fazer a “Festa da Banda”. Além de apresentações musicais com a corporação na sacada da sede da banda, as mesmas cozinheiras do cuscuz trabalham e vendem, em barraquinhas, os caldos feitos por elas. Esta parte dos festejos leva o nome de “Festival de Caldos”, com variedades de sabores para aquecer o frio do mês de junho, enquanto os sumidourenses e visitantes apreciam uma boa música tocada pela banda.

A Corporação Musical tem também bastante relação com o festival do cuscuz, tanto que a abertura do evento no dia 12 fica sempre por conta dela. Isso porque, em toda festa religiosa da comunidade a banda está presente, e no primeiro festival, como ela já estaria no adro após a missa, a corporação foi convidada para fazer a abertura da festa, e desde então as festividades do cuscuz é iniciada por ela.

Sumidouro não deixou suas tradições ficarem esquecidas no passado, o distrito é um dos mais antigos da região. Além da festa da banda em junho, comemora-se em outubro a da padroeira do distrito. Duas festas que possuem bastante importância no município devido à religiosidade marcante que tem em Sumidouro. As duas comemorações religiosas movimentam o distrito e a economia também, onde os moradores colocam suas barraquinhas com comidas típicas, assim como outros barraqueiros de fora que também vem e montam suas tendas com produtos diversificados.

As festividades têm início sempre nas primeiras horas dos dias em que ocorrem. Alguns músicos saem de suas casas com seus instrumentos e vão tocando pelas ruas afora de Sumidouro músicas conhecidas, como por exemplo: “Acorda, Maria Bonita” e outras canções. É a famosa

“Alvorada” que sempre foi e é às 5h da manhã, quando tem alvorada, tem festa em Sumidouro, ou da Banda ou da padroeira. E o mais gostoso disso tudo era que, quando criança, eu acordava ao som da banda e do sino batendo e já ia logo atrás dela, assim como outros moradores, que também a acompanhavam quando ela passava por suas ruas.

No final da alvorada, tem um café super especial que, a cada ano, ocorre em uma casa diferente. Uma mesa enorme com diferentes quitandas preparadas pelo povo de Sumidouro, cada uma levava uma coisinha, uma broa, um café, um biscoito de polvilho. E o que não falta em todas as alvoradas é o famoso bolinho de feijão, que é saboreado pelos moradores nesta data. Para nós sumidourenses, é a festa de outubro que desde sempre movimenta o distrito.

O bolinho de feijão, assim como o cuscuz, é também uma tradição familiar do distrito. O feijão usado para esse bolinho é o feijão fradinho, que é a base do acarajé, símbolo da gastronomia baiana. Em sumidouro ele é feito apenas com tempero comum (alho e sal) e um pouco de pimenta do reino, que dá um sabor sem igual ao bolinho. O compositor Flávio Dana, que é citado mais abaixo, em sua música como homenagem a Sumidouro e ao cuscuz, cita também o bolinho de feijão como tradição sumidourense .

Essa é a sensação que tive e tenho em minhas andanças por Sumidouro, andanças marcadas por experiências e vivências com o cotidiano das ruas, das casas e de suas janelas, com os moradores. Essa hospitalidade dos sumidourenses me fez capaz de retribuir à comunidade toda a confiança que me foi dada durante a produção deste trabalho, trazendo essas lembranças em histórias, imagens e memórias.

Entre uma prosa e outra com os moradores, o cuscuz sempre foi o prato principal de cada casa, na simplicidade de cada lar, não deixava de ser uma refeição diária, ele era feito no fogão à lenha, no cuscuzeiro de pedra sabão. O fogão, além de ajudar no cozimento do cuscuz, ainda era usado para esquentar água para tomar banho, geralmente numa lata de 5 litros de tinta, empregada como panela. A água tinha que dar para todo mundo da casa pois naquela época ainda não existia energia elétrica no distrito.

4. O FESTIVAL DE CUSCUZ DE SUMIDOURO - CULTURA, ARTE, MEMÓRIAS E HISTÓRIAS

Antes mesmo de falar sobre o Festival de Cuscuz de Sumidouro, um breve histórico sobre a história do cuscuz será abordado. Farias (2014) diz que o cuscuz é um prato originalmente africano, mais precisamente na região do Magreb, preparado com grãos de sêmola, trigo ou polvilho, que foi disseminado pelo mundo.

Seu uso em preparações diversas, com sua adaptação para receitas dos colonizadores portugueses e escravos africanos abriu oportunidades para a criação de várias formas. A farinha de milho é feita através da moagem do grão na forma artesanal em pilões ou moinhos. As versões do cuscuz encontradas no Brasil vão desde o Nordeste, cozido no vapor e consumido com leite ou vendido em tabuleiro, passando pela versão de arroz encontrada no Maranhão e chegando a pratos com mais ingredientes, como o Paulista, acrescido de sardinha, ovos cozidos, tomate e entre outros e o Amazônico, com palmito e camarão. Portanto, o cuscuz pode ser considerado uma iguaria importante no país, com diversas adaptações, com a inclusão de novos ingredientes, modos de apresentação e de consumo, todos baseados em sua gastronomia local. (FARIAS *et alie*, 2014, p.35)

O nome Festival de Cuscuz de Sumidouro foi dado devido à forte representação que o primeiro nome, Sumidouro, tem para nós da comunidade. Tamanha força identitária tem essa denominação que leva o festival a utilizar o antigo nome do distrito como forma de homenagear suas raízes, seus antepassados e preservar sua identidade por meio também do preparo dessa iguaria.

A comida é uma das primeiras formas de expressão da cultura, o ato de se alimentar faz parte dos processos de construção de sociabilidades. A cultura integra todas as formas de expressão do ser humano, tanto em seu modo de pensar como no de agir, e isso está relacionado com tudo ao seu redor. O Festival de Cuscuz tem suma importância para a comunidade de Sumidouro porque mostra para os visitantes o que o distrito desenvolve de maior destaque em sua cultura: a culinária. O festival evidencia uma cultura que foi repassada de geração em geração.

Conforme Laraia (2004, p.17), a primeira definição de cultura formulada do ponto de vista antropológico pertence a Edward Tylor, e aparece no primeiro parágrafo de seu livro *Primitive Culture* (1871). A esta, seguiram-se centenas de definições que mais confundiram do que ampliaram os limites do conceito. Por isto, diz o autor, uma das tarefas da antropologia moderna é reconstruir o conceito de cultura, fragmentado por tantas e tão diversas definições.

No final do século XVIII e no princípio do seguinte, o termo germânico Kultur era utilizado para simbolizar todos os aspectos espirituais de uma comunidade, enquanto a palavra francesa Civilization referia-se principalmente às realizações materiais de um povo. Ambos os termos foram sintetizados por Edward Tylor (1832-1917) no vocábulo inglês Culture, que "tomado em seu amplo sentido etnográfico é este todo complexo que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes ou qualquer outra capacidade ou hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade"(LARAIA, 2004, p.14).

O Festival de Cuscuz de Sumidouro se articula em volta de um projeto comum entre a comunidade e tende a se perpetuar e renovar tanto nas manifestações artísticas culturais, quanto no prato típico. Esse prato é a representação da cultura local de Sumidouro, que atrai turistas ao ser preparado em seu lugar de origem, propiciando aos visitantes a experiência de conhecer nossa cultura através da culinária.

Laraia (2004) aborda no texto os princípios do conceito antropológico de cultura. Podemos ver de maneira clara a discussão da complexidade do conceito de cultura nas várias escolas antropológicas e nos vários períodos históricos em que essas se desenvolveram.

O Festival de Cuscuz é considerado uma manifestação popular, Peter Burke (1989) afirmou que o que se refere à música, a arte, dentre outras manifestações que podem ser aprendidas por uma sociedade, é uma forma de cultura.

Na era da chamada “descoberta” do povo, o termo “cultura” tendia a referir-se a arte, literatura e música, e não seria incorreto descrever os folcloristas do século XIX como buscando equivalentes populares da música clássica, da arte acadêmica e assim por diante. Hoje, contudo, seguindo o exemplo dos antropólogos, os historiadores e outros usam o termo “cultura” muito mais amplamente, para referir-se a quase tudo que pode ser aprendido em uma dada sociedade — como comer, beber, andar, falar, silenciar e assim por diante. Em outras palavras, a história da cultura inclui agora a história das ações ou noções subjacentes à vida cotidiana. (BURKE, 1989, p.25)

Laraia (2004) aponta que apesar das inconformidades entre as opiniões dos pesquisadores, existem quatro pontos de consenso em relação à definição do que é cultura, que pode ser compreendido como:

- a) culturas tratam-se dos sistemas (de padrões de comportamento socialmente transmitidos) que servem para adaptar as comunidades dos homens às suas condições biológicas, sendo que o modo de vida das comunidades inclui tecnologias e meios de organização econômica, padrões de estabelecimento, de agrupamento social e organização política, crenças e práticas religiosas etc.;
- b) mudança cultural é basicamente um processo de adaptação que equivale à seleção natural, ou seja, o homem é um animal, assim, precisa manter uma relação adaptativa com o meio circundante para alcançar a sobrevivência. Apesar de o homem conseguir esta adaptação por meio da cultura, o processo é conduzido pelas mesmas regras de seleção natural que comandam sua adaptação biológica;
- c) a economia de subsistência, tecnologia e os elementos da organização social ligados à produção formam o domínio mais adaptativo da cultura. Neste domínio normalmente iniciam as mudanças adaptativas que depois se espalham. Existem, todavia, divergências sobre como opera este processo, as quais podem ser percebidas nas

posições do materialismo cultural, criado por Marvin Harris, na dialética social dos marxistas, no evolucionismo cultural de Elman Service e entre os ecologistas culturais, como Steward;
 d) os pressupostos ideológicos dos sistemas culturais podem ter resultados adaptativos no controle da população, da subsistência, da manutenção do ecossistema etc. (LARAIA, 2004, p.38)

Em 1871, Tylor definiu cultura como sendo todo o comportamento aprendido, tudo aquilo que independe de uma transmissão genética, como diríamos hoje (LARAIA, 2004, p.16).

O cuscuz é um prato antigo e comum em cada um dos lares da comunidade de Sumidouro, com características simples, de identidade e tradição sumidourense, relacionado à sobrevivência da comunidade desde tempos muito remotos e à transmissão de geração em geração.

A alimentação remete à memória, e está associada aos sentidos humanos, conforme citou Certeau (1996). A cultura transferida das gerações está muito viva no festival e no seu povo, como citado em outro ponto do texto, através do modo de preparar e consumir o cuscuz, onde as práticas produtivas da culinária remetem a lembranças do passado. Sobre isso, Laraia diz que:

O modo de ver o mundo, as apreciações de ordem moral e valorativa, os diferentes comportamentos sociais e mesmo as posturas corporais são assim produtos de uma herança cultural, ou seja, o resultado da operação de uma determinada cultura. (LARAIA, 2004, p. 68)

Ouvindo minha avó, ela conta que desde meados de 1930 o cuscuz já fazia parte da mesa de muitos moradores da comunidade. Em uma festa de aniversário, no ano de 2004, num roda de conversa, o então pároco do distrito, Padre José Julião da Silva, chamou Dona Maria e deu a ideia de fazer um festival de cuscuz no dia 12 de outubro do mesmo ano, dia de Nossa Senhora Aparecida, porque logo após a missa em comemoração à padroeira do Brasil as pessoas poderiam prestigiar a 1ª festa. Dona Maria abraçou a ideia de primeira, conversou com sua amiga Clemilda Lima, e logo deram um jeito de avisar às outras companheiras para que pudessem ajudá-las. Reuniram-se, e ficou decidido que cada um dos moradores daria os ingredientes para o cuscuz. Foi entregue a cada um deles uma carta, falando da ideia do festival sugerindo com o que poderiam contribuir.

As práticas culinárias se situam no mais elementar da vida cotidiana, no nível mais necessário e mais desprezado (...) Em cada caso, cozinhar é o suporte de uma prática elementar, humilde, obstinada, repetida no tempo e no espaço, com raízes na urdidura das relações com os outros e consigo mesmo, marcada pelo “romance familiar” e pela história de cada uma, solidária das lembranças de infância com ritmos e estações. (CERTEAU, 1996, p. 218)

Clemilda Gonzaga de Lima nasceu no distrito de Sumidouro e desde sempre teve também o cuscuz como prato principal nas refeições de família. “O cuscuz é uma alimentação saudável, pra mim e pra minha família”. Juntamente com o Padre Julião, Dona Maria e as demais cozinheiras deram o primeiro passo para a criação do festival de cuscuz. Foi na casa de Clemilda, que elas se reuniram, dividiram as tarefas e fizeram o cuscuz para o 1º festival, em 2004.

Clemilda afirma que foi após assistir o programa Terra de Minas da Rede Globo, no qual ela fez um cuscuz, o Padre Julião mandou um recado para ela também a convidando para fazer um festival de cuscuz no distrito.

Através da apresentação do trabalho artístico do César Balbi no programa Terra de Minas da Globo, eu fui convidada pelo César para fazer e apresentar o nosso cuscuz na gravação, o Padre Julião assistiu, se interessou e me chamou pra fazer o festival, onde ele combinou com Dona Maria e Magaly pra gente dar o pontapé na festa. Começou na minha casa, e três anos seguidos depois do primeiro também foram aqui, com as “donas” minhas amigas, e por aí foi, até no ponto que está hoje. (LIMA, Clemilda. Entrevista concedida à Larissa Cristina Gonçalves Martins 2020)

Em um diálogo com o Padre José Julião da Silva, antigo pároco de Sumidouro, ele ressaltou que desde que chegou à comunidade de Padre Viegas via que em muitas casas o cuscuz era servido no almoço ou jantar. A casa da Dona Maria de Castro foi o primeiro local em que ele comeu o cuscuz e achou muito interessante a forma como é produzido. Assistiu ao programa Terra de Minas, onde o cuscuz foi apresentado como prato principal do distrito, e teve a ideia de trazer algo que mostrasse o destaque desse que foi e é sustento para muitos.

Dona Maria fez um cuscuz pra ninguém botar defeito, no início achei que era uma farofa, mas depois pude ver que ele era feito com o fubá de moinho d'água. Mais pra frente sugeri a Dona Clemilda e a Dona Maria da gente fazer um festival de cuscuz, já que era um prato que se comia constantemente no distrito. A ideia deu muito certo, e elas aceitaram no primeiro convite. Fico satisfeito em saber que minha iniciativa cresceu e tem um valor inestimável para Sumidouro. (DA SILVA, Julião. Entrevista concedida à Larissa Cristina Gonçalves Martins, 2020)

O único material comprado no 1º festival foram os 10 kg de fubá, que veio de um subdistrito de Sumidouro, Barro Branco, onde existia o moinho d'água mais próximo. Os primeiros cartazes de divulgação foram feitos pela minha tia Magaly Gonçalves, moradora do distrito, filha da Dona Maria, e que na época era estudante do curso técnico de Turismo no CEFET-OP. Os mesmos foram colocados nos pontos principais do distrito, nos ônibus que circulavam na cidade e no distrito, e nos comércios da cidade de Mariana.



Figura 10 Moinho d'água do distrito de Cachoeira do Brumado - Foto: Eliene Santos

O Festival de Cuscuz só veio crescendo. No primeiro ano, em 2004, participaram da organização cerca de 10 pessoas: Dona Maria, Dona Tiná, Clemilda, Vaninha, Dona Santinha (In memorian), Magaly, Cristina e Padre Julião. Hoje o festival atinge a marca de mais 300 pessoas que ajudam na organização, no preparo do cuscuz, na limpeza, e na parte técnica.

Clemilda aponta que o Festival de Cuscuz representa a união de toda comunidade, os artistas locais que ficam por conta dos espetáculos musicais, as famílias que vêm de fora participar, tudo isso tem uma grande importância para ela, e para todos nós moradores.

Nos primeiros anos do evento eram utilizados os recursos da própria comunidade, minha avó, Dona Tiná, Magaly e as outras senhoras bateram de porta em porta recolhendo condimentos doados para o preparo do cuscuz que seria comercializado no evento.

Um das frases marcantes da minha avó durante sua trajetória à frente do festival é que ela sempre diz para as pessoas que ela não tem preguiça de nada, nem de levantar cedo e deixar os “trem” tudo no jeito para adiantar no fazer do cuscuz. Ela sempre fala “Tudo que eu faço é com amor”. Essa frase se tornou um bordão para todas as pessoas que fazem parte do Cuscuz: “Ò gente, vão lembrar o que Dona Maria fala, hein?! Fazer tudo com amor”.

Minha avó, já participou de diversos programas de televisão como: Terra de Minas, da Rede Globo; Viação Cipó, da TV Alterosa; e da TV local de Ouro Preto, a Top Cultura. Em todos esses programas ela contou a sua relação desde pequena com o cuscuz, até a criação do evento no distrito. “Poder mostrar pro povo que assiste a gente que o cuscuz faz parte da nossa vida e de nossa história, é deixar guardado para as outras pessoas que vão seguir essa nossa linda tradição”.

O festival começou pequeno e cresceu. No início a gente não podia vender bebida alcoólica né... por causa da igreja (risos), era uma festa feita com a ajuda da paróquia. Mas hoje já ofertamos de tudo, além do cuscuz, é claro. Lembro que no primeiro (festival) foi feito 10kg de cuscuz e todos ficaram servidos e satisfeitos, mas com o passar do tempo essa quantidade foi aumentando, chegando a faltar cuscuz "né" em um dos festivais. Mas hoje a gente não tem mais esse problema. Hoje com mais de 300 kg de fubá conseguimos atender a todos, do início da tarde até de noite. (CASTRO, Maria. Entrevista concedida à Larissa Gonçalves Martins, 2020)

A renda do cuscuz antigamente era toda destinada à igreja católica e aos serviços de manutenção da mesma, onde o dinheiro fora de fato inicialmente empregado. Seguindo as orientações da Arquidiocese de Mariana, era proibido a venda de bebidas alcoólicas. Minha avó Maria e o Padre Julião tinham um livro caixa e nele era anotado todo o valor que os primeiros festivais arrecadavam.

Caso fosse necessário algum reparo na igreja ou no salão paroquial, como por exemplo a troca de algumas telhas, troca de fiação de luz, compra de material de limpeza, entre outros, o dinheiro do cuscuz era todo utilizado ali. No livro era anotado tudo que saía de dinheiro e o que era gasto com cada coisa, e depois era feito uma prestação de contas à comunidade.

O Festival se desvinculou da igreja em 2011 e se tornou um festival independente, já que com o crescimento da festa a organização começou a comercializar bebidas alcoólicas, e esse tipo de prática não é permitido em festas da igreja. Hoje o que é arrecadado na festa é empregado no próprio festival para custear as despesas.

Após perceber que a cada ano o público vinha crescendo, no início do ano de 2008 falei com minha avó que queria ajudar na organização do evento, já que era apenas as cozinheiras e uma pessoa pra escrever as cartas de patrocínio. Resolvi ajudar minha avó e as outras mulheres mais diretamente na organização. Fiquei com a responsabilidade de ir atrás de patrocinadores, marcar reunião com a prefeitura para definir palco, empréstimo de barracas para a venda do cuscuz, som e iluminação para o evento. As primeiras barracas que foram utilizadas na festa pertenciam à feira livre da cidade que funciona todos os sábados, inclusive até hoje.

Nesse mesmo ano, tivemos ajuda de 10 comércios da cidade de Mariana, que contribuíram com ajuda financeira para a festa. Os nomes dos patrocinadores eram divulgados no dia da festa, e a logomarca vinha atrás das camisas e em todas as diversas divulgações. O dinheiro era investido para comprar utensílios descartáveis para o cuscuz, cartazes para serem fixados em toda a cidade e nos distritos, divulgação em rádios e jornais. Após o pagamento de todos esses itens, ainda tinha uma boa “sobra” de dinheiro. A partir daí, com o que “sobrava” eu tive a ideia de fazer camisas para o festival.

As pessoas que trabalhavam na organização ganhavam a camisa, o restante das camisas era vendido no dia da festa, e assim o dinheiro voltava para o caixa do festival. Fiz esse processo de organização por quatro anos. Recebi ajuda de outras pessoas que tiveram interesse em colaborar no crescimento do evento. Desde aquele momento, o Festival do Cuscuz veio tomando uma forma diferente dos primeiros anos e uma grande proporção em todos os aspectos, na organização, na preparação do alimento e nas apresentações artísticas locais.

A primeira camisa do festival foi pensada para mostrar as riquezas culturais do distrito. Essa ideia partiu do ex-secretário de cultura de Mariana, Marcílio Queiroz. Colocamos 4 fotos: foto do altar mor da Igreja de Sumidouro, a imagem da bandeira da padroeira do distrito - Nossa Senhora do Rosário, a Igreja de Nossa Senhora do Rosário e uma foto do cuscuz, representando nossa cultura.



Figura 11 - Primeira camisa do Festival de Cuscuz em 2008 - Arquivo: Larissa Gonçalves

Desde então, em todos os anos após 2008, o festival tem uma camisa, e a cada ano com uma arte diferente, mas tudo ligado ao Festival de Cuscuz. No início de 2012, fui chamada para a minha primeira graduação em Gestão de Recursos Humanos pela Universidade Presidente

Antônio Carlos, na cidade de Congonhas – MG. Eu havia conseguido uma bolsa de estudos pelo PROUNI em um ensino particular, e tive que sair de Sumidouro para estudar em outra cidade.

Com isso, tive que me ausentar, e essa responsabilidade foi para outras pessoas. Retornei em 2015 e hoje em dia eu faço parte da divulgação do evento, com vídeos para os “stories” do Instagram do Festival de Cuscuz, locução da festa e da apresentação musical, onde com um grupo de amigos cantamos e relembamos os melhores sambas de raiz.

Com o passar do tempo o evento foi ganhando visibilidade, os meios de divulgação foram aumentando, e novos apoios foram surgindo, como o da Prefeitura de Mariana, por meio da Secretaria de Cultura e Turismo, e o de empresas privadas, contando hoje com mais de 25 patrocinadores/apoiadores.

Sinto-me com um imenso orgulho de ter feito o Festival de Cuscuz crescer, consegui levar até pessoas, cidades, estados e até outros países o que é nosso festival, e o que ele representa para o nosso povo. A cada ano ver a praça cheia de pessoas que vão nos prestigiar, eu vejo o quão valoroso foi ter que andar de sol a sol e ir atrás de cada pessoa pedindo ajuda para realizar a festa. Eu sou parte dessa história que hoje escrevo nesse memorial, irei contar aos meus filhos, aos meus netos esse legado que aprendi com minha avó, e falarei com honra o quanto Sumidouro, o cuscuz e o festival são parte da minha história.

4.1 A cultura como maior patrimônio de Sumidouro

O patrimônio histórico e cultural e os eventos culturais são bens de natureza material e imaterial que expressam ou revelam a memória e a identidade da população. O Festival de Cuscuz é uma identidade cultural do distrito de Sumidouro.

Conforme o Decreto Federal nº 3.551/2000 e a Lei Federal Nº 7.285/2011⁶, patrimônios imateriais se classificam por:

- Saberes: ofícios e modos de fazer (conhecimentos e modos de fazer enraizados no cotidiano das comunidades);

⁶ BRASIL. PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. **DECRETO Nº 3.551, DE 4 DE AGOSTO DE 2000**. 2000. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/d3551.htm>. Acesso em: 22 set. 2019.

- Celebrações: rituais e festas que marcam a vivência coletiva do trabalho, da religiosidade, do entretenimento e de outras práticas da vida social;
- Formas de expressão: manifestações literárias, musicais, plásticas, cênicas e lúdicas;
- Lugares: mercados, feiras, santuários, praças e demais espaços onde se concentram e reproduzem práticas culturais coletivas.

Atualmente dois órgãos são responsáveis pela preservação dos bens materiais e imateriais no Brasil: O IPHAN e a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO). Esses órgãos trabalham em prol de um mesmo objetivo, porém, operam em esferas diferentes, um em âmbito nacional (IPHAN) e outro em âmbito mundial (UNESCO).

A UNESCO tem por objetivo contribuir com a paz e a segurança no mundo mediante a educação, ciência, cultura e as formas de comunicação. Suas atividades culturais protegem e divulgam o patrimônio cultural mediante o estímulo da criatividade e da preservação das entidades culturais e tradições orais, assim como a promoção dos livros e a leitura; a instituição é apontada como o órgão que mais contribui para a divulgação dos bens materiais e imateriais, no Brasil e no mundo. A UNESCO⁷ conceitua como patrimônio imaterial:

As práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas – com os instrumentos, objetos, artefatos e lugares culturais que lhes são associados - que as comunidades, os grupos e, em alguns casos, os indivíduos, reconhecem como parte integrante de seu patrimônio cultural. (UNESCO, 2003. Art. 2º)

Para Toledo (2003) “patrimônio é uma riqueza comum herdada pelo homem, sendo transmitida de geração em geração e se constituindo na soma dos bens culturais de um povo”. Assim, a noção de patrimônio implica em uma conotação temporal, de herança histórica, de algo que passa de pai para filho, uma transmissão de valores, que aplicada à gastronomia possibilita a troca de interação, de experiências do preparo dos alimentos e da apreciação dos sabores, o que remete à reflexão voltada para a cultura de um povo ou região. Toledo (2010) vai além e diz que:

Todos os seres humanos, ou até diria, todos os seres vivos, nascem e procuram um alimento. O ato de se alimentar sustenta um pilar primordial que o ser humano está inserido: a cultura. Esse ato caminha por culturas, sociedades, grupos, raças e tudo que envolve o ser humano. A escolha alimentar se dá a partir de uma trama entre normas, respeito, estética, tradição e ética. (TOLEDO,2010, p.3)

⁷ Disponível em: < <https://ich.unesco.org/doc/src/00009-PT-Portugal-PDF.pdf>>. Acesso em: 27 de novembro de 2019.

A valorização da identidade cultural do povo de Sumidouro vem destacadamente através da preservação de seus bens culturais e de suas tradições, e que se mostram favoráveis à promoção e divulgação da cultura.

Como já explicado, o festival se mantém por meio da renda arrecadada das vendas de cuscuz, e o dinheiro é todo utilizado para o evento no próximo ano. A festa conta ainda com apoio da prefeitura na parte de som, iluminação e estrutura do palco, desde o primeiro festival, em 2004. Há pouco mais de 3 anos, a prefeitura começou a entrar com recursos em dinheiro para custear alguns outros gastos como os ingredientes para o cuscuz, o pagamento dos músicos, as camisas do evento, e uma ajuda simbólica para os moradores que participam dos trabalhos da festa.



Figura 12 Cartaz do 1º Festival de Cuscuz de Sumidouro em 2004 - Fonte: Acervo do festival



Figura 13 - Foto do 2º Festival de Cuscuz de Sumidouro em 2005. Fonte: Acervo do festival

Ivani Fernandes, conhecida popularmente no distrito como “Vaninha”, foi uma das primeiras cozinheiras do Festival de Cuscuz, juntamente com minha avó e suas demais colegas. Ela é natural do distrito e desde a sua infância também tem o cuscuz como comida principal em sua casa. O cuscuz é um prato que remete a muitas memórias na vida de cada morador de Sumidouro e é uma tradição da família dela também, ela aprendeu a fazer com sua mãe e com a sua avó.

O Festival representa a cultura que foi passada para cada família que aprendeu e sabe fazer o cuscuz. Esse ano o dia 12 de outubro foi um pouco diferente, foi difícil, porque a gente se acostumou a acordar cedo todos anos desde 2004, para fazer o cuscuz para o tão esperado festival. Acostumamos com essa tradição. (FERNANDES, Ivani Entrevista concedida à Larissa Cristina Gonçalves Martins, 2020).

Ieda Moreira, a Dona Tiná, grande amiga, vizinha e comadre da minha avó, sempre esteve presente no Festival de Cuscuz ao lado dela e das primeiras participantes da festa. Numa prosa com Tiná, e também com outros moradores, eu ouvi em todas as casas e reforço como moradora de Sumidouro, que o cuscuz é o alimento que fez e faz parte da mesa de todo mundo. Existem outros pratos que fazem parte da história de Sumidouro, mas o mais forte e que mais se fala em cada porta de casa, em cada mesa na hora do café, é o anfitrião do distrito: o cuscuz.

Antigamente a gente comia cuscuz com café, com leite pra servir de almoço, ‘né’, aprendi com minha avó Inácia, que me criou. Foi vendo ela fazer que eu aprendi. A gente ficava apertada com as coisas pra poder fazer ‘né’ e ela falava assim: vai lá, ne Jacinta e pega uma meia garrafa de leite pra nós almoçar cuscuz com leite. E aí eu aprendi a fazer cuscuz. O cuscuz era de sal, e a gente comia com tudo, com feijão, no café da manhã. Não tinha uma hora certa pra comer cuscuz, na hora que cismava a gente ia pro fogão de lenha fazer. (MOREIRA, Ieda. Entrevista concedida à Larissa Cristina Gonçalves Martins, 2020).

Hoje, com a saúde um pouco debilitada, ela já não tempera a mesma quantidade de cuscuz dos tempos passados, mas não deixa de participar da preparação, cozinhando o fubá para fazer o prato.

Eu vou cozinhando o cuscuz (fubá), e as meninas, Aparecida (filha) e Agenita (nora), vão misturando e temperando o cuscuz. A gente fica até umas três horas da tarde, depois ‘nós sobe’ tudo junto pro adro⁸ e vamos ver um ‘tiquim’ da festa, né. Eu ensinei cuscuz pra todo mundo daqui de casa. (MOREIRA, Ieda. Entrevista concedida à Larissa Cristina Gonçalves Martins, 2020).

Tiná é uma grande companheira da minha avó, fazem tudo junto, e elas possuem um parentesco, assim como todo mundo de Sumidouro, que se você observar e pesquisar são parentes uns dos outros. No festival do ano de 2016, elas trabalharam incansavelmente na cozinha do cuscuz, que ainda não era totalmente reformulada para não sobrecarregar ninguém. Como o festival deu numa quarta-feira, e a semana era de recesso para algumas pessoas, nós lá de casa resolvemos fazer uma viagem ao litoral do estado do Espírito Santo, e levá-las, pela primeira vez, para conhecer o mar. Minha avó que fez o convite, sempre carregando a bandeira do festival:

Tiná, vamos descansar esses dias, vai ser bom pra gente ficar sem fazer nada esses dias, porque as meninas vão deixar ‘nós’ à toa. A gente trabalhou duro nos festival, precisamos dessa folguinha, né. Vamos conhecer o mar, mas eu não tenho coragem de ir lá no fundo não. O mais importante é que a gente veste as blusas do cuscuz lá pro povo vê que a gente é de Sumidouro ‘né’. Quem sabe eles vão participar da nossa festa, porque eu aposto que eles nunca viram um festival tão bonito igual ao nosso. (CASTRO, Maria. Entrevista concedida à Larissa Cristina Gonçalves, 2020).



Figura 14 - Tiná e Dona Maria - Guarapari, outubro de 2016 - Foto: Larissa Gonçalves

⁸ Adro - terreno em frente ou em volta de uma igreja, podendo ser aberto ou murado.

E foi assim que minha avó e Tiná, duas cozinheiras, tão importantes do festival, colocaram os pés na água do mar pela primeira vez, e levando o nome do Festival de Cuscuz estampado em suas camisas, mostrando a nossa regionalidade a outros estados.



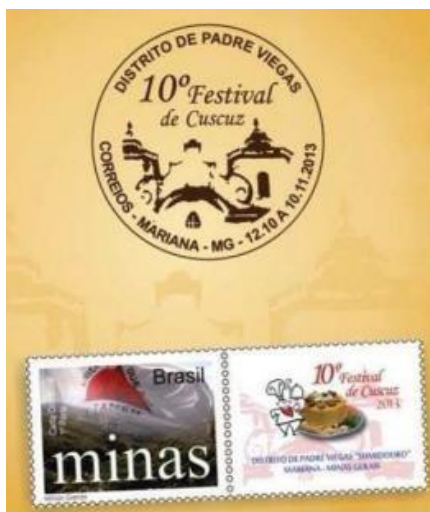
15 Figura 15 - 6º Festival de Cuscuz de Sumidouro 2019- Foto: VegasFilm



Figura 16 - Apresentação musical com Larissa Gonçalves e convidados - Fonte: Antônio Ferreira

No ano de 2013, para comemorar os 10 anos de Festival, o distrito recebeu da Prefeitura Municipal de Mariana, em parceria com os Correios, um selo comemorativo, simbolizando a representatividade que o evento tem para o município. O selo serviu para marcar a importância da festividade, que desde 2013 faz parte do calendário cultural de Mariana. Durante um mês o

selo foi usado em todos os portais do distrito. Hoje o mesmo se encontra no Museu Nacional em Brasília.



17 Selo Comemorativo de 10 Anos do Evento. Fonte: Acervo do Evento.

Com a intenção de chamar a atenção para o distrito, bem como divulgar o que temos de mais relevante - o cuscuz, os músicos e artesãos da terra e também o patrimônio material local, que compreende desde belezas naturais às construções, como a igreja tricentenária, localizada na praça onde é realizado o evento. Após a Celebração Eucarística em honra a Nossa Senhora Aparecida (às 10h), há a abertura oficial do Festival de Cuscuz. Das 12h às 20h, apresentam-se os artistas da terra: Corporação Musical Sagrado Coração de Jesus (Banda de música civil), Gilmar Veríssimo (MPB), eu, Larissa Gonçalves e convidados (Samba), Banda Skactus (Reggae). Também há pequenas exposições, mostras de artesanato e atividades de recreação para crianças, como, pequenas oficinas, brincadeiras tradicionais e jogos, cantinho de leitura e desenho, entre outros.

No dia do cuscuz, tem avó, mãe, filha, neta, prima, sobrinha, todas ajudando no fazer do cuscuz, e todo esse aprendizado veio de cada casa, de cada mãe que aprendeu com a mãe, fazendo com que essas heranças continuem a perpetuar por longos anos do distrito. Lá em Sumidouro, desde pequeno se aprende essa tradição e que nunca mais é esquecida.



Figura 18 Cartaz de divulgação do Festival de Cuscuz de 2019- Fonte: Festival de Cuscuz de Sumidouro

Cavalcanti e Fonseca (2008) diz que:

A Resolução nº 1, de 3 de agosto de 2006 (IPHAN, 2006), que complementa o Decreto nº 3.551, de 4 de agosto de 2000, opera claramente com uma definição processual do Patrimônio Cultural Imaterial, entendendo por bem cultural de natureza imaterial “as criações culturais de caráter dinâmico e processual, fundadas na tradição e manifestadas por indivíduos ou grupos de indivíduos como expressão de sua identidade cultural e social”; e ainda “toma-se tradição no seu sentido etimológico de ‘dizer através do tempo’, significando práticas produtivas, rituais e simbólicas que são constantemente reiteradas, transformadas e atualizadas, mantendo, para o grupo, um vínculo do presente com o seu passado”. (CAVALCANTI *et alie*, 2008, p.1)

O evento está inserido em um mês festivo na comunidade, que também comemora o aniversário de fundação do Coral Nossa Senhora do Rosário (60 anos), do time de futebol 7 de Outubro Esporte Clube (85 anos) e do próprio distrito (315 anos), além da festa de sua padroeira, Nossa Senhora do Rosário. As famílias da comunidade, em sua quase totalidade, são mobilizadas para a realização desta grande festa: músicos, cozinheiras, barracas/serventes, caixa, motoristas, estrutura e ornamentação.

4.2 A força e resistência do nosso distrito

O crescimento do festival fomenta a economia e atrai cada vez mais turistas que, ao participarem do evento acabam voltando para conhecer mais atrativos da região. Mostrando que a festa vem ganhando espaço cada vez mais e se mostrando como forte motivador da atividade turística de Sumidouro.



Figura 19 Praça do Rosário - Crédito: VegasFilms



Figura 20 Festival do Cuscuz de 2018 - Praça do Rosário - Fonte: VegasFilms

Em relação à sustentabilidade do projeto, já há algumas formas estruturadas, como: a utilização do valor arrecadado no caixa, com a venda do cuscuz, para cobrir parte dos custos; o apoio do comércio e de empresas que atuam na região, que têm aderido, cada vez mais, ao evento dada a visibilidade alcançada por ele; e a parceria com a Prefeitura Municipal, por meio da Secretaria Municipal de Cultura e Turismo.

A Praça do Rosário, onde é realizado o festival, não cobra entrada de seus participantes e vem se tornando um espaço pequeno. Com o crescimento da festa, a praça acaba não comportando confortavelmente todos os seus participantes.

O Festival de Cuscuz vem expandindo e encantando as pessoas que se interessam por essa cultura rica do distrito de Sumidouro. E foi exatamente assim que aconteceu com o carioca Flávio Dana. Conversamos via Whatsapp e por lá fomos tecendo nossas prosas sobre como ele conheceu

o distrito e o que o levou a fazer uma música sobre nosso Sumidouro.

Em uma conexão de estados entre Minas e Rio, o Flávio Dana, músico, compositor e escritor, natural da cidade do Rio de Janeiro, que se dedica a escrever livros infantis e músicas, ficou conhecendo o distrito de Sumidouro por intermédio de uma amiga natural daqui, que fez quando estudava num curso de pós-graduação do Conservatório Brasileiro de Música, no Rio de Janeiro. Numa disciplina que fez com ela, foram se aproximando, e ela contando as histórias do nosso distrito. “Um dia ela me falou sobre o “Cuscuz” mineiro que a mãe dela faz. E que era uma tradição do distrito de sumidouro”.

Essa amiga é a musicista e sumidourense Simone Morais, minha prima, filha da Dona Carminha, que é bastante conhecida no distrito pelos seus dotes culinários e que também seguiu a tradição da família. Carminha mãe da Simone é sobrinha da minha avó. Simone falou com Dana dos amigos, que ele ficou conhecendo quando visitou o distrito. Ela foi contando coisas para ele, que acabou guardando tudo em sua memória. Algumas pérolas, como por exemplo o hábito que temos de convidar um ao outro pra tomar um “golinho” de cachaça nas noites frias, dizendo que tá na hora de dar “um beijo na vovó”. Ele soube depois o porquê desse termo. O beijo da vovó é o que aquece. Aquece o peito, você se sente abraçado pela vovó, équentinho por dentro. E a cachaça faz exatamente isso, te aquece por dentro. Foi daí que ele foi juntando as coisas, e acabou descobrindo o vídeo do programa Viação Cipó, da TV Alterosa afiliada ao Sistema Brasileiro de Televisão (SBT), onde Carminha aparece cozinhando e falando sobre a maneira de se fazer um cuscuz doce, e um salgado.

Carminha segue a fundo a tradição do cuscuz, não só em sua casa, mas para outras pessoas que desejam saborear a comida típica. Assim como ela, outros moradores de Sumidouro entendem que o cuscuz faz parte da tradição sumidourense. “Aprendi a fazer cuscuz com minha avó Hilda (mãe de Tia Maria) que foi uma das idealizadoras da festa. É uma coisa muito boa e importante pro lugar, é a nossa identidade”.

Voltando novamente ao Flávio Dana, ele diz gostar muito da cultura regional brasileira, e Minas Gerais tem um lugar muito especial em seu coração. Ele tem parentes em Três Corações e Juiz de Fora. Sempre teve vontade de morar em cidade pequena, por isso também as histórias de Sumidouro foram o encantando e um dia saiu a música. Dana escreveu uma música que fala de Sumidouro.

Ele conheceu o distrito em 2018, na XV Edição do Festival de Cuscuz. “Conhecer o distrito foi maravilhoso, eu fiquei sabendo que o distrito fazia anualmente uma festa do cuscuz,

e eu queria provar o tal do cuscuz da Dona Carminha”. (DANA, Flávio. Entrevista concedida à Larissa Cristina Gonçalves Martins, 2020). E nesse dia, ele recebeu a notícia que a música dele seria tocada por um colega de Simone, um grande amigo e primo também, músico da terra, meu tio Gilmar Verissimo.

Chegar em Sumidouro foi um presente pra mim, fui acolhido como um velho conhecido de algumas pessoas, como se assim fosse, e claro, com muito orgulho vendo minha música sendo executada durante a festa. Foi muito bacana, Gilmar se tornou um velho amigo rapidamente, a afinidade foi grande (musicalmente), fui muito bem recepcionado pela família da Simone, de uma maneira que nos cativou muito. E aí pude tocar, com minha violinha caipira a música que fiz, sentado no fogão à lenha de dona Carminha e comendo cuscuz. (DANA, Flávio. Entrevista concedida à Larissa Cristina Gonçalves Martins, 2020).

A música de Flávio Dana, ‘Beijo na vovó’, é sempre tocada pelo meu tio Gilmar e pela Simone quando reúnem os amigos. A letra retrata a tradição, não somente do cuscuz, mas do modo com vivem os sumidourenses.

Lugar assim é só em sumidouro
 Onde tudo é ouro
 E o melhor é o povo
 Gente igual pepita
 Boa e verdadeira
 Sempre hospitaleira
 Acolhe a tua alma
 Te alegra o coração
 Pra espantar o frio, sentado no fogão
 O beijo é na vovó!
 Bolinho é de feijão
 Torresmo com limão
 Se a culpa vai pro santo
 Sem menor espanto
 Vai segue a procissão!
 Se o santo for de fé. De sua devoção!
 Pegue canela
 Banana e açúcar
 Queijo e fubá
 Tantinho d’água
 Bote na cumbuca
 Atiça bem o fogo
 Leva pra fervura
 Já vai cozinhar
 Pegue farinha
 Bote na farofa
 Com linguiça e tosta
 Pra encorpar a prosa
 E o relógio emperra
 Não vou mais embora
 (Vão servir o cuscuz)
 Tenho que esperar
 O sol me chamar! (DANA,2018)

A música foi escrita como homenagem aos amigos de Sumidouro. A inspiração foram as prosas com a amiga Simone Moraes, o beijo na vovó de Gilmar e o Festival de Cuscuz de Sumidouro, Minas Gerais. Dana, em sua ida a Sumidouro, teve a oportunidade de conhecer a casa do meu tio Gilmar, experimentar o famoso beijo da vovó, e tocar junto com ele a sua música que faz homenagem ao lugarejo. Nesse mesmo dia, eu também tive a oportunidade de conhecê-lo e dizer: “essa música vai pro meu TCC”.

Em 2020, o Festival de Cuscuz teria a sua XVII edição, mas devido a pandemia da COVID-19, que assola o mundo e o país, o festival ficou impossibilitado de acontecer da forma como sempre foi nos anos anteriores. Não houve a participação do público, os shows ao vivo e a variedade de cuscuz. Foi um ano diferente de todos os outros, a alegria da expectativa de se esperar pelos visitantes e pelo feriado do dia 12 de outubro para os moradores do distrito não foi a mesma. Não teve o XVII Festival de Cuscuz de Sumidouro. “Foi o dia 12 mais estranho desde 2004, mas vamos estar firmes em 2021, se Deus quiser”, disse Vaninha.

As casas não ficaram cheias como de costume, os parentes e amigos não puderam se aconchegar nos lares dos sumidourenses, ou se espalhar pelo gramado do adro da igreja, nem tampouco sentar nos arredores da praça saboreando um cuscuz, e ouvindo as músicas que são tocadas por nós, filhos da terra do Sumidouro. “Espero o ano inteiro por esse dia. Esse ano todo mundo vai ter que ficar em casa, sem ir no adro (Praça) e ‘num’ vai ter cuscuz, “né?” (CASTRO, Maria. 2020).

A comunidade que sempre se reúne através da arte, cultura e memória, viveu um 12 de outubro diferente daquele vivido desde 2004. Mas o Festival de Cuscuz, em 2020, não deixou de chegar à mesa dos moradores. Para não passar em branco essa data tão especial para os sumidourenses, cada um em sua casa, à sua maneira, preparou o cuscuz. Todas as pessoas que trabalham e estão à frente do Festival de Cuscuz, e fazem acontecer a festa, tiveram um dia menos intenso do que o dos anos passados. Quando perguntei a alguns deles “O que será o dia 12 de outubro, sem ter pela primeira vez o Festival de Cuscuz?”, as respostas foram quase sempre parecidas: “um dia sem graça e sem cor pra Sumidouro”.

Minha avó lembra que o festival funcionava só com Tiná, Clemilda, Vaninha e Dona Santinha na cozinha, e por ele ter crescido muito, mais gente entrou para ajudar e assim ele foi crescendo.

Esse ano vai ser muito vazio no dia 12, a gente já ‘customô’, não vai ter cuscuz, não vai ter festa da nossa padroeira também. Vai passar um dia seco, não vai ter movimento de carro na rua, vai ser muito estranho mesmo. É um dia festivo, a gente

vai ficar meio assim, ‘né’, mas nem que seja um pouquinho eu vou fazer aqui pro povo de casa comer e lembrar, ‘né’. (CASTRO, Maria. Entrevista concedida à Larissa Gonçalves Martins, 2020).

“O dia do cuscuz (12 de outubro de 2020) foi muito triste, não tivemos que fazer o que mais gostamos, o cuscuz. Mas espero em Deus que ano que vem tenhamos o festival como ele é feito todos os anos”. (LIMA, Clemilda. Entrevista concedida à Larissa Gonçalves Martins, 2020).

Em 2020, o Júnior e a Eunária, diferente dos outros anos, não viajaram 120 km até chegar em Sumidouro.

Conheci esse festival por intermédio de uns amigos que moram em Sumidouro, que é a família Gonçalves, a família da Dona Maria do cuscuz. Tive oportunidade de participar e desde então nunca mais fiquei sem ir. Eu conheci o Sumidouro na minha adolescência, e depois passei um período muito grande sem ir lá. Conheci minha atual noiva, a Eunária, e estava muito afim de voltar lá em sumidouro e compartilhar com ela uma coisa muito boa, que era conhecer aquele lugar aconchegante e feliz, não podia lembrar de coisa melhor, que é Sumidouro. Fiz o convite, ela aceitou e descemos pra lá. (JÚNIOR. Antônio. Entrevista concedida à Larissa Gonçalves Martins, 2020).

Os dois apareceram em Sumidouro em julho de 2015, nesse mesmo dia, à noite, haveria o famoso “Arraiá de Sumidô”. Eu e minha tia Magaly comentamos com eles sobre o festival que estava próximo de acontecer. Eles ficaram surpresos quando souberam da grandiosidade que a festa possui.

Quando retornei me disseram dessa festa, eu voltei em outubro com a minha noiva. Essa festa traz pra gente um pouco de tudo, né? Um pouco da gastronomia, um pouco da cultura, um pouco da arte e mais ainda do coração. Da pessoa que mora e transmite pra nós essa energia maravilhosa que é a energia do pessoal que mora em Sumidouro. O cuscuz é parada obrigatória todos os anos. (JÚNIOR. Antônio. Entrevista concedida à Larissa Gonçalves Martins, 2020)

Por conta da pandemia, não só esse casal de Belo Horizonte não pode participar. As pessoas que já tinham o costume de ir pra lá todos os anos também compartilharam com a gente o sentimento de saudade, de um dia incomum.

O festival de cuscuz, depois que eu conheci, tem um importante significado: o de aconchego. Ele é importante, é interessante. Não poder compartilhar desta festa maravilhosa, nos tirou um pouco a alegria em 2020. Espero que em breve essa festa possa acontecer, e eu estarei lá. (RODRIGUES, Eunária. Entrevista concedida à Larissa Gonçalves Martins, 2020).

Essas foram as palavras de expressão da Eunária, que desfruta da riqueza cultural do festival e que já tem essa comida como parte de sua vida também.

Os tachos não estavam cheios de cuscuz para serem levados até a praça e já encontrarem uma fila enorme esperando, os carros não estavam estacionados por todos os cantos do Sumidouro. A praça estava vazia, um morador ou outro passou por lá e comigo pensei: uma hora dessas que era pra esse lugar estar cheio de gente pra lá e pra cá, uns trabalhando, uns ouvindo um música e degustando o cuscuz. Nenhuma criança corria, com a tranquilidade e segurança de sempre, pelo adro da igreja afora. Foi um dia totalmente nublado. O sol não quis aparecer. Não teve sol, assim como não teve a XVI edição do Festival de Cuscuz de Sumidouro. O cuscuz é muito mais que um prato, é um encontro de alegria, de memórias, tradições, riqueza cultural, um gesto de amor e afeto que é transmitido de geração em geração. Quando me perguntam de onde eu sou, encho o peito e digo: sou de Sumidouro, terra do Festival do Cuscuz!

5. POR DENTRO DO PROCESSO

Para a realização deste trabalho de conclusão de curso foram utilizadas algumas ferramentas metodológicas que contribuíram para traçar alguns caminhos de pesquisa, como também para aprimorar os resultados. Como citado acima, este trabalho surgiu a partir do desejo de mostrar o meu distrito, chamado Sumidouro.

Comecei a me deslocar para conseguir me situar em cada história, investigar e conhecer. Fiz isso através da participação efetiva dentro das casas dos moradores que são personagens neste trabalho. Foi uma experiência única poder contar as histórias dessa relação dos moradores com o cuscuz. Infelizmente a partir do dia 20 de março de 2020, eu fiquei impossibilitada de entrar todos os finais de semana no lar de cada um desses participantes. Os atravessamentos da pandemia da COVID-19 vieram de uma forma tão grave que achei que seria impossível terminar esse trabalho sem a ajuda presencial deles (as). A vacina ainda era um sonho distante, e minha maior preocupação era preservar a saúde dessas pessoas que na maioria são idosos, incluindo minha avó, com quem eu tenho um convívio constante. Me senti impotente diante dessa doença, sem saber como eu faria para terminar meu trabalho, a conversa com esses participantes era fundamental para dar andamento ao meu projeto.

A partir desses atravessamentos eu pensei em diversas possibilidades, e a que foi mais viável e segura para poder sentir a presença dos moradores mais próximos a mim foi através das conversas agendadas e gravadas por áudios de Whatsapp. Essas conversas foram tão importantes quanto as demais, eu só não pude ver pessoalmente o olhinho de cada um (a) que sabia da importância e da potência desse projeto para mim e para eles.

Através da observação participante, dos relatos orais, e de uma documentação fotográfica mais detalhada pude elaborar minha metodologia de construção do fotolivro e memorial que o acompanha. Tanto a documentação fotográfica quanto a oralidade - a partir da fala dos moradores sobre o festival e em suas contações de histórias - foram centrais a minha pesquisa, foi por meio delas pude concluir esse registro histórico que será divulgado. Mostrando de forma simples o modo como eles vivem em Sumidouro e elaboram suas lembranças do cuscuz por meio de suas falas, usando a linguagem própria do distrito, sua forma regionalizada de expressão, de narrar suas experiências, buscando sempre a maior proximidade possível entre minha escuta e seus relatos. Assim, como mediadora dessas narrações procurei transmitir as vivências, as ideias, as emoções e os sentimentos por trás deles.

O fato de já possuir contato e uma aproximação desde muito tempo com essas pessoas facilitou-me falarem sobre esse assunto. Sempre sendo recebida com um cafezinho, começávamos as nossas prosas. E dali se estendiam as conversas que duravam horas, tudo sendo anotado e gravado, compartilhando comigo as experiências vividas e tendo o personagem principal em todas elas: o cuscuz, que mesmo seco (com fubá, água e sal) nunca faltou à mesa de nenhum deles. No passado, faltava pão, bolo, biscoito, mas nunca o anfitrião do distrito, o prato principal. Me coloquei não apenas como pesquisadora, mas como conterrânea de todos os meus personagens onde também cultivei, e ainda cultivo, inúmeros afetos.

“O jornalista recolhe dados com a sua participação quando usa, não apenas por meio de entrevistas e do que vê, mas também através do que vive enquanto observador que participa.” (AMARO, 2005, p.3). Estipulei um tempo médio de conversa de 40 a 60 minutos para cada encontro. Cada fim de semana de pesquisa, de entrevistas, de conversas era um *causo* diferente. Houve dias em que o tempo programado de conversa era muito pouco para o tanto que gostaria de produzir.

Houveram dias intensos de entrevistas, comecei a perceber que minha avó não conseguia lembrar algumas das histórias, às vezes ela repetia a mesma coisa em um intervalo de 10 minutos. Eu fazia as perguntas e ela não conseguia me responder com facilidade, ela já estava no início da sua doença. Em outros momentos ela lembrava de tudo com tranquilidade. Porém, nenhum dia foi menos importante do que o outro, do ponto de vista das interações que criávamos, que apontavam sempre para uma certa intimidade construída um dia após o outro.

Durante o processo de escrita do memorial, uma das personagens principais deste trabalho, que é minha avó, foi diagnosticada com Alzheimer. Ela não sabe da existência dessa doença, achamos melhor não informar a ela, já que ela sempre teve uma vida muito ativa. Algumas coisas estão falhas em sua memória. Percebemos que em determinados momentos ela estava repetindo as mesmas coisas umas três ou quatro vezes. Em um certo dia, ela ia preparar um cuscuz para o almoço e se esqueceu de como se faz. Justo ela, que sabia a receita de cor e salteado. Ajudamos a lembrar de como ela fazia o cuscuz, e deu certo, mas sem a nossa ajuda ela não conseguiria preparar o alimento naquela ocasião. Depois de alguns dias ela lembrou que ele era o prato principal de suas refeições quando criança, e nos contou novamente que escrevi acima, de como sua mãe preparava o cuscuz. E assim, estamos vivendo uma fase diferente em nossas vidas com minha avó, estamos (re) aprendendo e convivendo com as suas lembranças e esquecimentos do passado.

Minha avó sempre esteve à frente desse festival, essa festa move a vida dela, ela “faz das tripas coração” para tudo dar certo no dia 12 de outubro, a ponto de que quando acabava um ela já pensava no próximo. Além do Alzheimer, ela tem, desde 1996, um glaucoma, que a fez perder já 60% da visão, e todo o campo visual. Mas isso nunca foi um empecilho para ela deixar de trabalhar e lutar para que, desde a primeira edição, a festa sempre ocorresse. Com o passar dos anos, a idade veio avançando e trazendo algumas dificuldades, e diante das quais nós lá de casa percebemos que ela talvez não daria mais conta sozinha, sem nosso apoio mais direto, como sempre teve costume de fazer. No festival de 2019, pela primeira vez, infelizmente ela não participou ativamente da preparação. Não fez 20kg de cuscuz, mas não a impedimos de participar, ela fez apenas 6kg de cuscuz lá em casa, com ajuda das minhas tias.

O cuscuz da minha avó é de um sabor tão inigualável, que ele é o primeiro a chegar na praça com as pessoas já dizendo que queriam o “cuscuz de Dona Maria”. Era possível identificar o sabor do cuscuz da minha avó, ele tem um sabor de amor, de luta e de muitas histórias. É também por isso que tenho a maior honra que uma pessoa possa ter, sou neta da Dona Maria, que sempre se empenhou e dedicou sua vida a este festival. Peço à Deus que nos próximos anos ela possa estar viva e com saúde para ver e participar, de alguma forma, dessa festa que para ela tem uma grandeza sem fim.

Para recolher todo o material necessário à produção do trabalho final, além dos registros do Festival em 2019, durante seis finais de semana, de 11/01/2020 até o dia 07/03/2020 (data antes do início da pandemia da COVID-19), estive envolvida com diversos moradores da comunidade, ouvindo e anotando cada história relatada. E como já afirmei aqui, participei

ativamente do Festival de Cuscuz de Sumidouro desde a sua primeira edição, e documentei, em 2019, a preparação do cuscuz e a festa que serão apresentadas neste memorial.

Para ficar mais por dentro sobre a história de Sumidouro e do Festival de Cuscuz, os primeiros contatos foram feitos dentro da minha própria casa: Maria de Castro Gonçalves, minha avó, com 82 anos, e minha tia Magaly Gonçalves, com 42 anos, que ajudou na criação e na divulgação do I Festival de Cuscuz. Do lado de casa mora a Dona Tiná, com seus 80 anos, e que sempre esteve ao lado da minha avó desde o início do festival. Logo em seguida, fui até a casa das outras mulheres e as conversas foram com Carminha, de 65 anos, Clemilda Gonzaga, de 81 anos, e Vaninha, com 68 anos, que junto com minha avó e Tiná foram umas das primeiras cozinheiras do festival. E o Sr. Geraldo de Jesus Gomes, de 79 anos, que me contou um pouco sobre a trajetória do Padre Viegas. Todas essas entrevistas ocorreram de maneira informal (e em minha casa) com um roteiro que eu já havia já pré-estabelecido, mas que jamais foi uma amarra para adaptações e ajustes a depender das falas, e que me ajudaria de acordo com as necessidades e objetivos daquele momento.

Nome:

1. Qual a sua idade:

2. Sexo:

3. Desde quando você faz parte do Festival de Cuscuz?

4. Qual sua função no dia do Festival?

5. O que o cuscuz de Sumidouro representa para você e sua família?

6. Sua família participa do Festival?

7. Em quais destes?

8. O que o Festival representa para você?

9. Você considera o Cuscuz o prato típico do distrito? Se sim, por quê?

Com o padre Julião, de 56 anos, e Flávio Dana, de 58 anos, nossos contatos foram feitos via Whatsapp, através de áudios e mensagens, tendo em vista que os mesmos não residem em Sumidouro. O Julião, em Carandaí-MG, e o Dana, no Rio de Janeiro. Antônio Carlos Ferreira Júnior, de 38 anos, e Eunária Rodrigues, de 36 anos, são da região metropolitana de Belo Horizonte e visitantes do distrito. Eles participam do festival de cuscuz desde 2015. Nossa conversa sobre essa festa foi feita também via Whatsapp, através de áudio e mensagens.

Todas estas conversas, como já afirmei, se deram de maneira informal e muito próxima, afetiva. Na minha casa, eu sentava na sala e começava a conversar com minha avó, e por ali ela ia me contando tudo sobre o cuscuz e sobre o festival. Isso também aconteceu com minha tia Magaly que na época das entrevistas ainda morava conosco. Em outros locais, algumas delas foram dentro das casas, na sala, outras do lado de fora, na escada, no gramado e respirando o

ar puro que ainda temos lá. Fui na casa de Tiná, de Clemilda, Carminha, Vaninha. E assim fomos tecendo as histórias. Foram dias de muito aprendizado que ajudaram a enriquecer ainda mais este memorial.

Abordar os moradores foi tão fácil quanto eu pensava. Quando eu disse que queria um tempinho deles para me falarem sobre a ligação deles com o cuscuz de sumidouro e também sobre o festival, e que essa pesquisa era pra concluir minha graduação no curso de jornalismo, vi em cada rostinho deles a felicidade em poder contribuir comigo e com meu trabalho sabendo que o cuscuz seria divulgado. Me contaram de forma sensível e carinhosa a história desta comida tão simbólica.

A produção do fotolivro bem como a captação e edição fotográficas foram realizadas de forma conjunta com o amigo que esteve comigo durante toda a graduação, Elvis Rodrigues. O primeiro projeto gráfico e de diagramação do fotolivro foi feito pelo Fabrício Santos e Helen Aquino, e a finalização de diagramação do produto foi feito pelo Mateus Gomes. As imagens presentes no produto foram feitas usando diferentes câmeras, uma delas foi disponibilizada pela UFOP, durante os dois dias de produção, e a outra era do próprio Elvis. A câmera da UFOP é a digital T5i, com lente EF-S 18-55mm f/3.5-5.6 IS STM da Canon, a do Elvis é uma EOS 5D Mark III, com lente 24-70 f2.8, da Canon também. Nós dois trabalhamos tirando as fotos a partir da preparação do cuscuz no dia 11/10/2019, que antecede o dia do festival. Foram necessários dois fotógrafos pela dimensão, complexidade e tempos simultâneos de tudo o que ocorre durante o evento, além do fato de eu ser uma das cantoras das apresentações culturais, e, portanto, precisar de alguém para documentar enquanto me apresentava.

Fotografamos a preparação do cuscuz, o modo como se cozinha o fubá, como ele é preparado. As senhoras sumidourenses estavam todas empenhadas e bastante animadas em contribuir com aquele evento. Uma cortava cebolinha, outra ajeitava o fubá no fogão, cortava bacon dali e fritava daqui, e assim deixava boa parte pronta para a manhã do outro dia. O Elvis ficou hospedado em minha casa e, no dia seguinte, 12/10/2019, o mais esperado por todos nós, acordamos às 7h, tomamos o café e fomos seguir nosso roteiro.

Foi o dia mais importante para se fazer todas as fotos, e a participação do Elvis foi imprescindível, digo porque talvez sozinha eu não conseguiria registrar muitos momentos importantes.

Os homens e os rapazes contribuem no festival fazendo o carregamento dos tachos para uma caminhonete, que chega até a praça, além de ficarem por conta de montar as barracas e ornamentar a praça. Às 11h, o primeiro cuscuz teria que estar na praça. Subi bem rápido pra lá para captar esta chegada, e o Elvis ficou na cozinha, fotografando a produção que ainda continuava. Quando cheguei à Praça do Rosário, uma fila enorme já se encontrava por lá. Todos queriam comer o primeiro cuscuz. Um tempo depois, o Elvis subiu e juntos fomos fazendo os registros do cuscuz sendo vendido, saboreado e das apresentações artísticas e culturais que estavam acontecendo no entorno da praça.

Às 14h, eu desci novamente para a cozinha coletiva e continuei registrando a produção do cuscuz com a outra equipe que deu continuidade à preparação do mesmo, às 17h foram feitos os últimos “tachos” de cuscuz. Eu fiz as fotos até às 18h, já que após esse horário eu tive a minha apresentação musical. Mais uma vez a ajuda do Elvis foi extremamente essencial, pois ele registrou os últimos momentos do festival e assim finalizamos, às 20h, o dia que começou às 7h da manhã.

Todas as fotos receberam um tratamento na pós-produção: ajustes na exposição, cortes, iluminação, contraste, balanço de branco, sombras e realces foram corrigidos no programa Adobe Lightroom e Adobe Photoshop. Nenhuma delas teve remoção ou edição de objetos, pessoas ou cenários. Essa foi uma opção que fizemos para preservar as informações captadas neste dia e evento tão intensos.

Em apenas um dia de preparação e festa tivemos o desafio de captar as imagens que compõem o fotolivro, já que o evento acontece em uma única data específica. Em 2020, não foi possível o término da documentação e nem ajuste de algumas fotos, já que a pandemia não permitiu a realização do evento, onde gostaria de ter explorado mais. Com isso algumas imagens a mais do que as previstas e capturadas pelo Elvis foram utilizadas no fotolivro.

Foi um dia muito intenso e cansativo, eu não poderia e nem queria perder algum detalhe da festa para poder organizar posteriormente e a contento a seleção das imagens. Ao olhar cada foto me senti recompensada por cada gota de suor e a dor nas costas do dia 12 de outubro de 2019.

O fotolivro foi produzido a partir das minhas ideias, propostas narrativas e das cores que foram definidas previamente. Trabalhamos em conjunto e definimos as disposições de cada foto e de cada um dos textos que estão presentes no fotolivro. E ele ficou do jeitinho que eu pretendia, foi emocionante ver o esboço pela primeira vez e saber que foi fruto de uma

dedicação e de uma história que tem uma representatividade enorme para mim. Acredito que esse trabalho de equipe, respeitando as competências de cada um, foi para mim um dos grandes diferenciais do meu TCC como um todo.

Como já disse, em 2020 o festival não ocorreu devido a pandemia da COVID-19, o que me impediu não somente de continuar documentando-o, como também de apresentar o fotolivro, ou uma primeira versão dele, à comunidade. Mas a vontade de continuar a lutar e mostrar às pessoas as histórias e as riquezas que tem o “meu” Sumidouro não terminou. Ainda terei muito o que aprender e mostrar para o mundo sobre a tamanha significação que aquele pedacinho do céu tem. Meu propósito continua sendo colocar em discussão os contextos histórico e cultural de Sumidouro, e evidenciar ainda mais os moradores que trazem e fazem do cuscuz o alimento da alma.

5.2 O Fotolivro

Com base nas discussões desse trabalho, o fotolivro propõe uma narrativa iniciada pelas fotografias do cuscuz e das mulheres sumidourenses que desempenham coletivamente as tarefas no dia da festa e usam as mãos como principal instrumento deste trabalho. As mãos habilidosas de Dona Maria, de Clemilda, Tiná, Vaninha, Edite, e muitas outras Marias, que aprenderam desde muito cedo a fazer o cuscuz e inseriram essa comida dentro de cada casa, hoje o levam para além da cozinha. Diferentes mãos, traços, marcas, cores, texturas e formatos, que compõem magicamente a expressão humana no universo cotidiano da vida, preparam com amor cuscuz e fazem dele um prato de afeto e lembranças relacionadas à sobrevivência da comunidade desde há muito tempo. Mãos que emocionam e enchem o coração de ternura ao cozinhar um cuscuz, mãos que deram sustento para filhos e netos, e que por isso figuram com destaque no fotolivro.

Para este fotolivro eu escolhi as fotografias que se propõem a mostrar o trabalho coletivo de uma comunidade em prol de uma tradição cultural, como o próprio título sugere. De acordo com Horácio Fernández (2011): “Os fotolivros permitem explicar semelhanças, influências, estilos, tudo o que une os fotógrafos.”

As imagens buscam mostrar também etapas e processos da produção do cuscuz, com diversos personagens, entre elas o destaque é sempre dado às pioneiras do festival que estão presentes desde o início: Dona Maria, Clemilda, Tiná, Vaninha. Fiz diversas fotografias com

ênfase nas mãos, a fim de evidenciar o que me parece muito marcante e representa o símbolo de luta e resistência do povo de Sumidouro. As fotos foram feitas em planos abertos e fechados, buscando, sempre que possível, dos detalhes ao contexto do evento.

A produção de um fotolivro impresso foi pensado como forma de materializar e ampliar o acesso a uma herança cultural do distrito que faz parte de sua identidade, para que os turistas e moradores possam pegar, “saborear com os olhos” as imagens do cuscuz e sentir ali parte de nosso festival impresso. “Os fotolivros são esse objeto de desejo, de colecionismo, de arte, de informação e de troca de experiências” (FELDHUES, 2018, p.14).

Ainda sobre as histórias e identidades locais, os depoimentos têm papel importante nessa elaboração ao longo do fotolivro. Eles buscam mostrar, em pequenos fragmentos, tal como a fotografia faz com a realidade que recorta, as falas da comunidade sobre as vivências com o cuscuz e o festival, incluindo também outros moradores da comunidade que não somente as precursoras do evento, que também sempre contribuíram com a festa, e, portanto, possuem essa mesma relação com a comida e o evento.

Usei como imagem de capa do fotolivro o anfitrião da festa, o cuscuz. Na primeira sequência as imagens captadas buscam mostrar como é feita a produção inicial do cuscuz, ou seja, o cozimento do fubá. Onde é feito um “beiju” no cuscuzeiro industrial com o próprio fubá e água para vedar e não deixar escapar o vapor, para que ele (vapor) possa subir para cozinhar o fubá totalmente. Além do preparo do fubá já cozido, pronto para serem inserido os outros ingredientes.

Desse modo, na segunda sequência de fotos partimos para alguns dos principais ingredientes do cuscuz tradicional (salgado): o tomate, que deixa o cuscuz bem molhadinho e evita que a comida fique seca, além de outros ingredientes. Quase sempre dando foco nas mãos das mulheres cortando cebola de cabeça, cebolinha, bacon e descascando ovos. Esse trabalho é feito por diversas senhoras, dentre elas algumas estão destacadas nas sequências do fotolivro: Vaninha, Edite, Neiva e Maria Jales, Maria Vera, Maria da Conceição Barbosa, Magna Moreira, Sabrina Moreira, Aline Jales, Margarida Gonçalves, Marcia Gonçalves, Maria Fonseca, Juliana de Castro, Natália Silvestre, Elisa.

Já na terceira sequência, mostro o modo como se prepara o cuscuz para ser servido, o modo como se mistura o fubá com os demais ingredientes. Seguindo essa linha, antes das fotos que mostram mais destacadamente o festival como um todo, temos a foto de um cuscuz sendo feito por umas das idealizadoras da festa também, Clemilda Gonzaga de Lima, preparando no fogão à lenha em cuscuzeiro de panela de pedra, utensílio que ainda é muito usado e pode ser encontrado em algumas casas de Sumidouro. O cuscuzeiro de pedra sabão foi o usado no I festival, hoje devido a quantidade de fubá é usado o cuscuzeiro industrial.

Na última sequência, as fotografias são do cuscuz pronto e já colocadas nas caixas térmicas para chegar ao local onde ele é consumido, com imagens do momento em que ele é vendido nas barraquinhas, bem como da praça cheia de moradores e visitantes apreciando a festa. Segundo Feldhues (2018, p. 11): “As imagens mostram o mundo, a organização das imagens é o caminho proposto e as relações que surgem na imaginação do leitor é percurso narrativo individual e subjetivo que um fotolivro pode proporcionar.”. Colocadas em sequência, as imagens dão os detalhes de todo esse processo de preparação da comida até a festa em geral, e convidam o leitor a mergulhar e escolher seus caminhos para caminhar por elas.

Nas últimas páginas temos a música do compositor carioca, Flávio Dana, intitulada “Beijo na Vovó”, e que homenageia nossa história em suas estrofes. Depois seguimos com as fotos das 5 mulheres que fizeram o I Festival de cuscuz, destacando-as ainda mais: minha avó Dona Maria, Clemilda, Tiná, Vaninha e Dona Santinha (in memoriam). E, finalmente, nas páginas finais, a foto de um tacho de cuscuz, remetendo à capa, vem acompanhada da receita do cuscuz tradicional e da receita do cuscuz doce também. Concluindo assim o contexto central do fotolivro. E deixando marcado esse cultura cheio de lutas e valores para nós, sumidourenses.

Em pesquisa sobre tamanhos mais usuais de fotolivro à Gráfica e Editora Dom Viçoso, em Mariana, o gerente da gráfica, Jair Ferreira, disse que o formato optado e mais usado nas impressões para o fotolivro é o 21,0 cm x 21,0 cm, em papel couchê fosco, 115g, e encadernação capa dura. Como a viabilidade do projeto sempre foi uma das questões a que me ative, apostar neste formato como o mais usado pode representar, no futuro, uma possibilidade de baratear a impressão, sem demanda de muitos ajustes a uma impressão mais específica.

O sistema de cores e escala usada será centrado no vermelho e no amarelo. O amarelo, semelhante à cor do fubá, e o vermelho, duas cores da identidade visual do festival usadas nas decorações no dia do evento. As tipografias utilizadas foram Trajan Pro Bold e a outra Montserrat, duas fontes que possuem grandes semelhanças com as já empregadas em cartazes anteriores de divulgação do dia evento, deixando o fotolivro com as características identitárias do festival. Além de poder usar no produto todo o aprendizado na disciplina de “Projeto Gráfico” da professora Michele Tavares, onde pude fazer o primeiro esboço de como seria meu produto final.

O fotolivro possui 80 páginas (frente e verso) com 62 fotos. Composto por cinco textos, além dos depoimentos já mencionados acima, o primeiro é uma breve apresentação do fotolivro, o segundo texto fala um pouco do distrito de Sumidouro, que originou o nome do festival. O terceiro texto é uma apresentação de como se deu o início do Festival de Cuscuz, e o quarto é um texto mais poético que fala das “Histórias feitas com as mãos”, espaço que usei para demonstrar a habilidade das mãos das mulheres que a usam para preparar o cuscuz. O quinto

e último texto é um agradecimento aos moradores por contribuírem com meu trabalho.

Ele deverá ser apresentado para a comunidade e os visitantes na próxima edição do Festival de Cuscuz, no primeiro festival após a pandemia. Os primeiros cinco exemplares serão impressos, e como não tenho condições financeiras de arcar com um número maior do produto para toda a comunidade, a intenção é inscrever meu produto em editais de fomento à cultura em nossa região.

Além disso, já informei a Prefeitura de Mariana, e a Secretaria de Cultura, Turismo e Patrimônio Histórico que apoiam o evento, sobre a produção do mesmo. Logo após a defesa do TCC II, pretendo entregar um exemplar do produto, com os devidos ajustes sugeridos pela banca, ao Conselho Municipal de Patrimônio (COMPAT), órgão que recebe propostas dessa natureza e, após avaliação, se aprovado poderá garantir a disponibilização dele, de forma gratuita, aos moradores e visitantes na próxima edição do festival, além da disponibilização em outros locais de grande circulação, para que outras pessoas também possam ter acesso a ele.

Caso o trabalho não seja contemplado por editais de fomento, não obtenha apoio do COMPAT, a ideia é promover uma “ação entre amigos” para publicação do livro ou disponibilizá-lo na rede digital, como por exemplo na plataforma ISSU ou no Wix Site, elaborando uma estratégia de distribuição e de amplo alcance.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O meu trabalho se deu através da força, potência e consistência que as pessoas e o festival adquiriram para nosso distrito. Todas as pessoas citadas neste trabalho são protagonistas dessa cultura que nos move, nos faz crescer e nos sentirmos engrandecidos. Moradores, visitantes, pessoal do apoio e da organização que nunca reclamaram de ficar até 2h da manhã deixando tudo pronto para que a festa ocorresse de maneira organizada e não faltasse nada.

Minha história e relação com o cuscuz vem lá da minha avó, que fazia cuscuz pra gente, e que também nos mostrou que quando uma comunidade se une, com um único objetivo, ela pode ir além do que imagina e se tornar referência em evento regional. “Tudo que eu faço é com amor”, com essa frase marcante da minha avó e com esse amor, ela e tantas outras pessoas conseguiram abrir espaço para que novas pessoas conhecessem nossas histórias e nossas raízes.

Busquei conhecer e entender ainda mais a relação deste prato na vida das famílias de Sumidouro, desde os mais antigos até os mais novos. Suas identidades, suas histórias, suas

lembranças e as afeições com o lugarejo e o cuscuz. Caminhar pelas ruas tranquilas de Sumidouro é rememorar o passado, ouvir histórias, entrar em cada casa e degustar, em todas elas, a comida que é sempre recordada, o cuscuz, seja ele doce, ou salgado. Com o povo sempre hospitaleiro, quem chega ao distrito logo se encanta por suas belezas e suas riquezas. Saber e fazer o cuscuz é um legado deixado pelas famílias de Sumidouro, para as gerações futuras. O

cuscuz é também um conjunto de valores para todos os moradores do distrito, com manifestações artísticas e o costume de saborear a comida típica do local.

Sumidouro foi cenário da minha infância e da minha juventude. Lá em Sumidouro, eu saía da escola e pulava o rio de um lado para outro até chegar em casa, corria ao redor da igreja brincando de pique esconde, ou então escorregava com papelão no gramado da igreja. Sentimentos de amor, gratidão e lembranças foram aguçados no tempo de produção do fotolivro. Desde o fazer do cuscuz, no dia do festival, até a produção deste memorial. Me tornei, ainda mais, protagonista do lugar de onde vem minhas raízes e de tantas histórias, uma delas contada neste memorial.

O sumidouro traz gostinho de infância feliz, de uma vida tranquila. Nossas brincadeiras favoritas eram fazer bolinha de sabão com canudo de folha e mamão, entrar no rio, brincar de barro, além de ser uma diversão ir para o mato e trazer um feixe de lenha para ajudar a avó no cozinhar. Ahhhh, Sumidouro obrigada por me trazer essas lembranças únicas das quais pude

vivenciar aí. Chegar em casa e saber que quase todas as tardes minha avó tinha feito um cuscuz quentinho com queijo, sempre me deu motivo de alegria e de amor de vó.

O cuscuz é a comida da mesa de cada um daqueles ali do distrito de Sumidouro, seja ele com queijo e rapadura, ou com bacon, linguiça e torresmo. O Cuscuz é um encontro de harmonia e, poder partilhar essas histórias do meu povo nesse memorial, reafirma a representação dessa comida cheia de heranças culturais e laços de convivência entre todos os moradores do tão amado distrito de Sumidouro.

Tive a honra, a cada conversa ouvida, durante a escrita deste memorial, de recontar as histórias de pessoas que desde sempre tiveram o cuscuz como sustento e hoje sentem-se responsáveis e engrandecidos de levar para outras pessoas o que temos de mais relevante em nossa cultura, que é nossa marcante identidade. Foi possível comprovar que os participantes acreditam no futuro do festival e torcem para que isso aconteça. Fomentando a economia e atraindo cada vez mais turistas para participarem, os moradores querem fortalecer a imagem do festival de cuscuz, além de quererem mostrar outros atrativos que temos a oferecer, como também mais opções de cuscuz como forma de diversificar o cardápio, levando em consideração a opção vegetariana, atendendo às pessoas que não comem carne.

O desejo de deixar registrado essa história tão bonita e importante para mim da comunidade para as gerações que virão me fez realizar um sonho que carrego desde sempre. Agradeço à minha avó, que com toda garra, força de vontade e amor, sempre fez parte dessa festa tão bonita, por permitir que essa tradição fosse mantida em nossa casa, e em nosso distrito. A ela, às cozinheiras e a todos que fazem parte dessa festa, merecem toda a minha gratidão. Obrigada por levarem amor às pessoas através do alimento, tão rico de histórias e memórias coletivas para todos.

Este trabalho de conclusão de curso para mim, não é apenas a conclusão de um ciclo em uma universidade pública e gratuita, mas sim, a conclusão de um sonho, de deixar registrada parte da história do meu povo. Ele não é só meu, é da minha avó, da minha mãe, da Clemilda, do Padre Julião, da Carminha, Vaninha, Tiná, Magaly, Gilmar, Edite, Tia Ilza, Dona Maria, Ludmila, do Milton França, do Jeferson, do Manoel, da banda, e de tantas outras pessoas que fazem parte do Festival de Cuscuz.

7. REFERÊNCIAS

- AMARO, Vanessa. **Vivendo na pele do outro**. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa, 2005.
- ANDRADE, Rosane de. **Fotografia e antropologia: olhares de fora-dentro**. - São Paulo: Estação Liberdade; EDUC,2002.
- BRASIL. PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. **DECRETO Nº 3.551, DE 4 DE AGOSTO DE 2000**. 2000. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/d3551.htm>. Acesso em: 22 set. 2019.
- BUARQUE, Virgínia. **A capela de Nossa Senhora do Rosário de Padre Viegas**. Jales, Afonso. Informativo Paroquial. 2011
- BURKE, P. **Cultura popular na Idade Moderna**. Trad. Denise Bottmann. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- CARTIER-BRESSON, Henri. **O momento decisivo**. In: Fotografia e Jornalismo. Bacellar, Mário Clark (org.). São Paulo, Escola de Comunicações e Artes (USP), 1971, pp. 19-26.
- CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro; FONSECA, Maria Cecília Londres. **Patrimônio Imaterial no Brasil: legislação e políticas estaduais**. Brasília: Educarte,2008.
- CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano: Morar, cozinhar**. Vol. 2. Luce Giard, Pierre Mayol; tradução de Ephraim F. Alves e Lúcia Endlich Orth. 10. ed. - Petrópolis: Vozes, 1996.
- CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano I: artes de fazer**. Petrópolis. Vozes, 1996.
- DANA, Flávio. **Beijo é na Vovó**. Rio de Janeiro. 2018. Disponível em: <https://youtu.be/n92KIRn-R1c>. Acesso em 3 de abril. 2020
- DUARTE, José Rodrigo. **O padre José Joaquim Viegas de Menezes** (N. em 1778 - M. no dia 1 de julho de 1841). Revista do Arquivo Público Mineiro, Belo Horizonte, vol. 11, p.255-274. 1906.
- FARIAS, Patricia de Oliveira Leite; SHINOHARA, Neide Kazue Sakugawa; PADILHA, Maria do Rosario de Fatima; OLIVEIRA, Karlla Karinne Gomes de; MATSUMOTO, Masayoshi . O cuscuz na alimentação brasileira. **Contextos da Alimentação**, São Paulo, v. 3, n.1, p.35-49, dez. 2014. Disponível em:<http://www3.sp.senac.br/hotsites/blogs/revistacontextos/wp-content/uploads/2014/12/Revista-Contextos_ed-vol-3-n-1_Completa.pdf>. Acesso em: 27 nov. 2019.
- FELDHUES, Marina. **A potência narrativa dos fotolivros**. In: XIV Congreso de la Asociación Latinoamericana de Investigadores de la Comunicación (ALAIC). San José, Costa Rica, 2018.
- FERNÁNDEZ, Horácio. **Fotolivros Latino-americanos**. São Paulo: Cosac & Naify, 2011
- FIUZA, Beatriz Cunha; PARENTE, Cristiana. **O conceito de ensaio fotográfico, discursos fotográficos**. Londrina, v.4, n.4, p.161-176, 2008.

KOSSOY, Boris. **Realidades e ficções na trama fotográfica**. 3. ed. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2002.

LARAIA, R.B. **Cultura, um conceito antropológico**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

MAYA, Eduardo Ewald. **Nos passos da história: o surgimento da fotografia na civilização da imagem**. Discursos fotográficos, Londrina, v.4, n.5, p.103-129, jul./dez. 2008.

MENDES, Jairo Faria. O silêncio das Gerais: o nascimento tardio e a lenta consolidação dos jornais mineiros. **O Silêncio das Gerais**, São Paulo, p. 1-212, 2007. Anual.

ROCHA, Ana; ECKERT, Cornelia. **Etnografia, saberes e práticas**. Porto Alegre: Editora da Universidade, 2008

SANTOS, Waldemar de Moura. **O Fabuloso Sumidouro**. 1974

TOLEDO, Rosana Fernandez Medina. **Uma Visão Estética da gastronomia: uma formação docente**. São Paulo, 2010.

UNESCO. **Convenção para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial**, 2003, Disponível em < <https://ich.unesco.org/doc/src/00009-PT-Portugal-PDF.pdf>> Acesso em: 27 de novembro de 2019>.

VEIGA, José Pedro Xavier da. **A Imprensa em Minas Geraes**. Ouro Preto. Imprensa Oficial de Minas Gerais. Vol. 3. 1898.

ANEXO

RECEITA DE CUSCUZ SALGADO

Ingredientes

1 kg de fubá para cuscuz

500 g de linguiça calabresa

150 g de torresmo

Meio kg de bacon

Meio kg de tomate

6 ovos

2 unidades de caldo de galinha

Alho, óleo, cebola, sal, cebolinha a gosto.

Modo de preparo

O modo de preparo do cuscuz salgado é diferente do cuscuz doce. Nesse prato os ingredientes são preparados separados. Pique todos os ingredientes em cubos e reserve em vasilhas separadas. Frite o bacon, a linguiça e o torresmo e reserve. Em uma panela separada acrescente o fubá e vá adicionando água aos poucos até obter consistência de farofa, depois de misturar bem coloque em uma panela para cozinhar em banho Maria, quando começar a sair a fumaça o fubá está começando a cozinhar, aguarde cerca de 30 a 40 min. até o cuscuz ficar cozido. Com o cuscuz cozido é só temperar o prato. Em uma panela grande coloque um pouco de óleo, alho, cebola, os tabletes de caldo de galinha, tempero (a gosto) e o tomate, deixe ferver até o tomate se desmanchar, misture todos os ingredientes restantes (previamente reservados) e acrescente o cuscuz. É só misturar todos os ingredientes e servir.

RECEITA DE CUSCUZ DOCE

Ingredientes

1 kg de fubá

500 g de queijo

300 g de banana

100 g de açúcar mascavo

1 pitada de sal

Canela em pó a gosto.

Modo de preparo

Em um cuscuzeiro misture o açúcar mascavo, uma pitadinha de sal, e acrescente o fubá. Adicione água aos poucos e mexa até obter uma consistência semelhante à de uma farofa. A partir de agora é montar as camadas do cuscuz no cuscuzeiro, primeiro coloque o fubá, em seguida o queijo, mais fubá, a banana, acrescente a canela e o açúcar a gosto, repita esse processo em camadas até preencher toda a panela. Cozinhe em banho Maria. É preciso vedar entre as duas panelas do cuscuzeiro para o vapor não sair entre as partes. O vapor vai cozinhar o cuscuz. Quando começar a sair fumaça na parte superior da panela, marque 40 min. no relógio e o cuscuz estará pronto.